

Revista do **Anção**

Recursos
Para Líderes
de Igreja

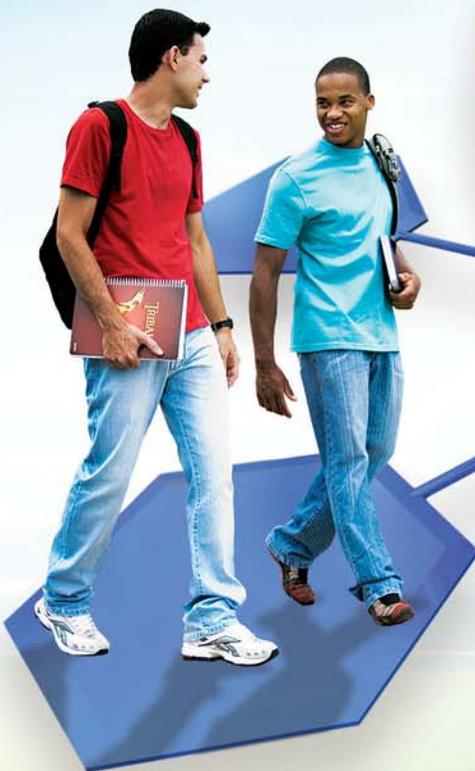
jul-set, 2009

EXEMPLAR AVULSO: R\$ 5,40. ASSINATURA: R\$ 17,40.



**Força jovem no
pequeno grupo**

**O jeito feminino
de evangelizar**



Pequenos Grupos

Este é o momento!



Erton Köhler
Presidente da Divisão
Sul-Americana

Este é o momento!

Precisamos avançar juntos. Esse é o ideal que nos move a produzir esta edição especial da *Revista do Ancião*. Através dela, queremos ampliar a visão do trabalho da liderança local em conexão com os pequenos grupos, cujo papel é fundamental no preparo de um povo para o encontro com o Senhor. Esse é um plano divino e também um estilo de vida para toda a igreja na América do Sul. Contudo, sua força dependerá do comprometimento de pastores, anciãos e membros.

Este é o momento de darmos um grande passo, conscientizando-nos de que o pequeno grupo é a base do funcionamento de uma igreja saudável. É a melhor estrutura para gerar missionários comprometidos, assim como novos conversos bem integrados e com qualidade.

Este é o momento de consolidar a formação de pequenos grupos de qualidade, através de protótipos e boa liderança, para termos uma igreja segundo a visão bíblica. É o momento de entender que o pequeno grupo tem função profética na preparação de um povo para o encontro com o Senhor.

Este é o momento de confirmarmos uma proposta adventista para os pequenos grupos. Existem muitas fórmulas, com agitação, estilo carismático, ênfase mística e apelo popular. Porém, não buscamos um pequeno grupo carismático ou contemplativo nem apenas um encontro de amigos. Não buscamos igrejas nos lares muito menos igrejas sem estrutura, baseadas em células. Não pretendemos desviar o foco da mensagem para os relacionamentos. Não buscamos classes bíblicas nas casas nem um programa temporário, fruto de promoções especiais. Não buscamos um grupo que viva apenas de acordo com a motivação, a visão e o conteúdo de seu líder.

Buscamos um pequeno grupo no qual se desenvolva o amor mútuo, por Deus e pela Sua Palavra e onde

a estrutura da igreja encontre o melhor lugar para desenvolver suas atividades. Pensamos em um pequeno grupo que não feche as portas da igreja para levá-la aos lares, mas que use o convívio dos lares para fortalecer a frequência à igreja; um pequeno grupo que seja relacional na forma dinâmica de estudar a Bíblia e aplicá-la à vida e às necessidades pessoais.

Queremos um pequeno grupo no qual os participantes abram o coração, usando como base o estudo dos grandes temas da Bíblia. Um pequeno grupo que seja missionário, motivando seus membros a cumprir a missão, recebendo e integrando novos interessados. Nosso objetivo é ter pequenos grupos que levem os membros às casas dos amigos para ali ministrar estudos bíblicos; que sirvam de apoio ao trabalho do pastor, através dos quais ele possa atender bem a igreja.

Nosso sonho é ter pequenos grupos com liderança capacitada e equipada, para que não se tornem porta de entrada para falsos movimentos. Que cresçam e se multipliquem, tendo sido gerados com solidez a partir de um protótipo ou plano de multiplicação.

À medida que essa visão avançar, escreveremos novo capítulo na história da igreja. Espero que seja o último. Cresceremos com mais qualidade e também veremos mais adventistas envolvidos com a missão, assim como novos membros nascendo, no reino de Deus, integrados ao discipulado.

A Bíblia se tornará ainda mais relevante às necessidades pessoais e atuais de nossos irmãos, que passarão a ser mais interessados uns pelos outros, de forma edificante. Estaremos mais próximos da chuva serôdia, dos grandes milagres do Espírito Santo e do reino do Céu. Este é o momento!

Ⓐ



William de Moraes

Paulo Pinheiro
Editor

Edição especial

Nesta edição, a *Revista do Ancião* dedica suas páginas para explicar como devem funcionar os Pequenos Grupos. A Divisão Sul-Americana, em vez de tratar desse tema como mais um programa da igreja, prefere adotá-lo como “a estrutura espiritual e relacional para todos os programas, incluindo as ações relacionadas ao pastoreio, discipulado e à participação dos membros na missão” (conforme voto tomado durante o 2º Fórum de Pequenos Grupos da DSA).

Agora é a vez dos líderes locais e seus pastores. Eles precisam ser conscientizados e treinados para a nova estratégia missionária da igreja em nosso continente. Depois, passo a passo, será a vez dos membros de nossas igrejas e grupos também entrarem em ação. É um empreendimento que exige entrosamento com o método aplicado por Jesus e Seus discípulos: inicialmente, um pequeno grupo na Galileia; depois, outros pequenos grupos noutras partes do mundo.

Os pequenos grupos visam alcançar resultado espiritual dos *links* que já existem entre parentes e amigos, dentro e fora da comunidade adventista. Sua proposta é melhorar esses relacionamentos, ajudando as pessoas a buscar solução de seus problemas em pequenas reuniões, por meio de cânticos, oração e estudo da Bíblia. À medida que esses laços se estreitam, aumenta o desejo de se dar testemunho sobre os benefícios espirituais resultantes desses encontros. Com isso, há sempre mais batismos, novos discípulos e outras pessoas querendo se juntar a um pequeno grupo.

*“Ele [André] achou
primeiro o seu
próprio irmão,
Simão, a quem
disse: Achamos o
Messias (que quer
dizer Cristo).”*

João 1:41



Uma publicação
da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 09 – Nº 35 – Jul-Set 2009
Revista Trimestral

Editor: Paulo Pinheiro
Assistente de Editoria: Lenice Faye Santos

Projeto Gráfico: André Rodrigues
Programação Visual: Marcos S. Santos
Capa: Fotos de William de Moraes, Daniel
Oliveira e Jupiterimages/Stockxpert

Colaboradores especiais:
Bruno Raso; Ranieri Sales

Colaboradores: James Cress; Jonas Arrais;
Edilson Valiante; Montano de Barros
Netto; José Soares da Silva Jr.; Francisco
Carlos Bussons da Silva; Ivanaudo Barbosa
de Oliveira; Valdilho Quadrado; Horacio
Cairus; Patrício Barahona Alfaro; Samuel
Jara; Ivancy Araujo; Edwin Regalado
Lozano; Feliz Santamaria.

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br

Revista do Ancião na Internet:
www.dsa.org.br/anciao

Todo artigo, ou correspondência, para a
Revista do Ancião deve ser enviado para o
seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF ou e-mail:
ministerial@dsa.org.br

Tiragem: 37.000 exemplares



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia Estadual SP 127, km 106
Caixa Postal 34; CEP 18270-970, Tatuí, SP

Exemplar Avulso: R\$ 5,40
Assinatura: R\$ 17,40



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita do autor
e da Editora.

7180/20661

SUMÁRIO

ARTIGOS

- 5 **Crescimento de Igreja**
O imperativo da missão

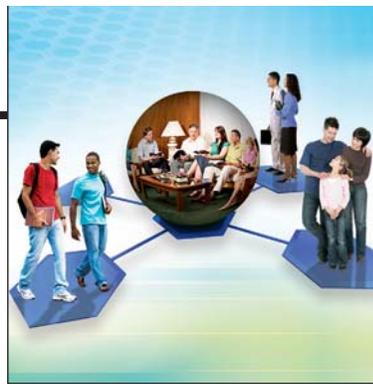
- 8 **Especial**
Comunhão e missão

- 12 **Pequenos Grupos**
Aprofundando a caminhada

- 26 **Ministério Jovem**
Força jovem no pequeno grupo

- 29 **Música**
Louvor em grupo

- 33 **Missão**
Construindo pontes



Revista do
Ancião
Recursos
Para Líderes
de Igreja

Aquisição da Revista do Ancião

O ancião que desejar adquirir esta revista deve falar com o pastor de sua igreja ou com o ministerial do Campo.

SEÇÕES

- 2 **De Coração a Coração**
Este é o momento!

- 13 **Esboços de Sermões**
Material para pregadores

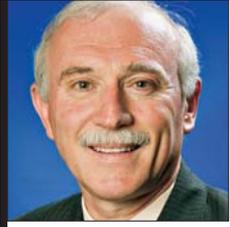
- 23 **Igreja em Ação**
Fortalecendo a base

- 30 **De Mulher para Mulher**
O jeito feminino de evangelizar



CALENDÁRIO

Julho	Agosto	Setembro
04 Evangelismo Integrado – Coordenação: Mordomia Cristã	01 Evangelismo Integrado – Coordenação: Escola Sabatina	05 Evangelismo Integrado – Coordenação: Ministérios Pessoais
11-18 Semana de Oração JA	08 Programa da Igreja Local – Dia dos Amigos (visitantes) – Escola Sabatina/Culto	12 Programa da Igreja Local
25 Dia do Colportor	15 Programa da Igreja Local	19 Dia do Jovem Adventista / Batismo da Primavera / Oferta Pró-Rádio e TV
	22 Dia de Ênfase Para a Prevenção de Abuso (“Quebrando o Silêncio”)	26 Programa da Igreja Local
	29 Dia da Educação Cristã	
	DIA ESPECIAL: 01 – Dia da ADRA	



Nader Oliveira

Bruno Raso
Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana

O imperativo da missão

A estrutura, o ambiente e o programa dos pequenos grupos facilitam a tarefa de fazer discípulos

Assim está escrito em Mateus 28:18-20: “Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.”

Fazer discípulos é o centro do empreendimento da incumbência missionária, estabelecida no imperativo e com sentido de urgência. Os vocábulos traduzidos como “ide”, “batizando-os” e “ensinando-os” mostram ações progressivas, dependentes e simultâneas com a ação do verbo principal: “fazer” relacionada a discípulos.

Para Mateus, o discipulado é um conceito-chave. Johnsson¹ afirma que o

evangelista não está interessado em registrar apenas a ação dos doze, porém, sobretudo em definir o que é ser discípulo de Jesus Cristo. Os doze são um meio utilizado por Cristo para explicar o discipulado, porque discípulos são todos os que seguem o ensino do Mestre.

AÇÃO PONTUAL

Ao reencontrar-Se com os discípulos, depois da ressurreição, investido



Foto: William de Moraes

de “toda a autoridade [...] no Céu e na Terra”, Jesus Cristo apresentou a comissão evangélica segundo a qual os discípulos deviam ir e fazer discípulos, batizá-los e ensiná-los a observar todas as coisas que lhes foram recomendadas. Junto à comissão, o Mestre prometeu estar com os discípulos todos os dias, até o fim.

Os participios verbais utilizados no texto adquirem sentido imperativo, porque o verbo principal é imperativo. Assim, “ide”, “batizar” e “ensinar” estão subordinados ao verbo central da oração: “fazer” discípulos. O mandato “fazei discípulos” é o centro da missão.

O modo imperativo indica ordem expressa com força, autoridade e com sentido de urgência, que inclui o consentimento da pessoa que recebeu o mandato. O modo verbal imperativo aoristo (no grego, tempo verbal combinável com o tempo e o modo, que indica ação pontual) denota uma ação que deve ser empreendida imediatamente, expressa em tom vigoroso de ordem. Por essa razão, os antigos gregos nunca empregavam o imperativo na comunicação com seus superiores. Geralmente, era utilizado em decretos reais ou em cartas a subordinados.

No início de Seu ministério, Jesus Cristo tinha recomendado a Seus discípulos a missão de pregar ao povo judeu. E não somente lhes deu instruções (Mt 10:5, 6; 9-14), mas também autoridade para cumprir a tarefa (Mt 10:1, 2; 7, 8). Depois da ressurreição, com toda a autoridade que Lhe fora conferida no Céu e na Terra, Jesus Cristo deu uma comissão imperativa aos discípulos: “Façam discípulos de todas as nações.”

DISCIPULAR

Segundo a expressão de Nicoll,² o poder de Deus foi manifestado no Calvário e na sepultura, vencendo o pecado e a morte. A partir dessa instância, o evangelho podia e devia ser pregado; os discípulos deviam ir a todo o mundo e mostrar a realidade desse poder; deviam fazer discípulos em todas as nações.

*“Esse programa
inclui louvor,
momentos de oração
e estudo sistemático
da Bíblia.”*

Discípulo é alguém que estabelece relação pessoal com o Mestre, ou seja, relação de dependência, encontro, aprendizado e crescimento. Gomá³ informa que fazer discípulos é transmitir essa experiência de tal modo que a outra pessoa estabeleça a mesma relação.

O batismo e o ensino são partes do mesmo processo e estão subordinados ao verbo principal: “fazer” discípulos. O ensino é um processo contínuo, não apenas em função da preparação doutrinária para o batismo. Ela precede e prossegue ao batismo, com o objetivo de capacitar o discípulo para andar dignamente em sua vocação.

“Fazer discípulos” é mostrar Jesus Cristo como Mestre e Senhor a uma pessoa, para que essa O conheça, O aceite e decida segui-Lo. Ser discípulo é viver seguindo o Mestre e fazendo mais discípulos, segundo Eims.⁴ Na opinião

de Kuhne,⁵ a missão é fazer discípulos; a ordem não é fazer cristãos que simplesmente aderem a um sistema ou credo, mas discípulos. O mandato não é somente: “vão”, mas: “façam” discípulos em todas as nações, segundo Stagg.⁶

Proclamar, batizar, ensinar e testemunhar são aspectos da comissão de fazer discípulos. A missão não estará cumprida, a menos que a desempenhemos integralmente. O trabalho mais importante da igreja é o cumprimento da obrigação evangélica. Esse encargo nada mais é que o trabalho de fazer discípulos, de acordo com Green.⁷

Gerber⁸ define que a missão não termina quando chegamos às pessoas com a proclamação. Muito menos é finalizada com o ensino, a profissão pública de fé no evangelho nem com a integração dos convertidos à igreja, por meio do batismo. A meta da grande comissão é atingida somente quando os novos crentes se tornam cristãos responsáveis e reprodutivos, completando o ciclo e garantindo o processo contínuo de evangelismo e crescimento. O objetivo é gerar cristãos e congregações responsáveis e reprodutivos.

Em sua tese doutoral, Beach⁸ conclui que a igreja sistematiza sua estratégia, considerando que cada crente é chamado a ter parte na tarefa de testemunhar ao mundo, já que todo membro da igreja tem a responsabilidade de cumprir a divina comissão. Por sua vez, Beach⁹ enfatiza que a todos os que aceitam Cristo como Salvador pessoal é ordenado trabalhar pela salvação de seus semelhantes, em obediência à ordem de Cristo.

Cada verdadeiro discípulo que nasce para o reino de Deus, nasce

como missionário. Que privilégio! Que responsabilidade! Cada um de nós, sendo um discípulo missionário para fazer mais discípulos. Esse é nosso mandato; essa é a missão da igreja; ambos originados na ordem daquele que tem “toda a autoridade no Céu e na Terra”. Graças a Deus, o imperativo divino está acompanhado de uma grande promessa: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.”

OS PEQUENOS GRUPOS

Ao longo de toda a Escritura é possível perceber com clareza o modo como os pequenos grupos formam parte integral do plano de Deus, no cumprimento da grande comissão. Estudiosos afirmam que a unidade familiar estabelecida no Éden foi o primeiro e mais importante pequeno grupo. Depois do Êxodo, por meio de Jetro, Deus fez chegar a Moisés a orientação de que ele devia organizar toda a nação em grupos de dez, não apenas para organizar melhor o trabalho, mas também para facilitar o acesso do povo a Deus (Êx 18:23).

Jesus investiu muito tempo no desenvolvimento de Seu pequeno grupo de doze pessoas (Mc 1:13-15; Lc 6:12, 13). A igreja do Novo Testamento se revela como uma comunidade em pequenos grupos, com reuniões em sinagogas e em casas, diariamente (At 1:41-47).

O principal objetivo do pequeno grupo é fazer discípulos. O ambiente, a estrutura e o programa dos pequenos grupos constituem o lugar ideal para se cumprir a missão de fazer discípulos. Esse ambiente provê diversos recursos que fomentam o processo do discipulado: companheirismo, amizade, infor-

malidade, participação, integração, interação, confraternidade, apoio mútuo, além de espaço para que cada um se sinta à vontade para descobrir e utilizar seus dons.

A estrutura do pequeno grupo também fortalece o processo do discipulado. Reuniões semanais com poucas pessoas em casas de famílias permitem fomentar e fortalecer vínculos, dando lugar a cada membro e ajudando em seu crescimento pessoal, social e espiritual.

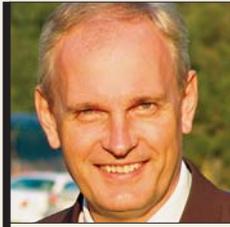
O programa do pequeno grupo colabora na formação do discípulo. Esse programa inclui louvor, momentos de oração e estudo sistemático da Bíblia. Os momentos de testemunho, treinamento e capacitação nutrem, motivam, mobilizam e conduzem o crente ao cumprimento da missão. O peque-

no grupo também é o meio ideal para levar interessados ao conhecimento de Cristo, do ensinamento bíblico, ao batismo e, finalmente, ao compromisso missionário de fazer discípulos. **A**

Referências:

- ¹ William G. Johnsson, *Religious in Oversalls*, p. 37.
- ² W. Robertson Nicoll, *The Expositors Greek Testament*, v. 4.
- ³ Isidro Gomá Civi, *El Evangelio Según San Mateo*, 2 v.
- ⁴ Leroy Eims, *The Lost Art of Disciple Making* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978).
- ⁵ Gary Kuhne, *La Dinâmica de Adiestrar Discípulos* (Caparra: Terrace, 1980).
- ⁶ Frank Stagg, *Teología del Nuevo Testamento* (La Aso), p. 266.
- ⁷ Michael Green, *La Evangelización en la Iglesia Primitiva*, v. 6.
- ⁸ Borges Schantz, *The Development of Seventh-Day Adventist Missionary Thought*, p. 753.
- ⁹ Walter Beach, *Review and Herald*, 1985.





Genealogia do Autor

Alberto R. Timm
*Reitor do Salt e
coordenador do Espírito
de Profecia da Divisão
Sul-Americana*

Comunhão e missão

Precisamos nos comprometer com os ensinamentos e a metodologia evangelística de Jesus Cristo.



Foto: iupharimages/Stockport

O moderno movimento dos “pequenos grupos” surgiu nos Estados Unidos em meados do século 20, e cresceu significativamente a partir da década de 80.¹ Fundamental para esse crescimento foi a ampla divulgação do sucesso de Paul Yonggi Cho com os assim chamados “grupos familiares” na Igreja do Evangelho Pleno, em Seul, Coreia.² Vinculada à Igreja Evangélica Assembleia de Deus, essa comunidade segue um modelo congregacionista de organização eclesial, e seus grupos familiares adotam liturgia carismática de curas e milagres, atraindo muitos interessados. O êxito da Igreja do Evangelho Pleno tem sido tão marcante que em 2007 ela já contava com aproximadamente 830 mil membros.³

Motivados pela experiência de Cho, alguns pastores adventistas sul-americanos começaram a promover, na década de 80, a implantação de grupos familiares em suas congregações.⁴ Os adventistas já haviam trabalhado com Escolas Sabatinas Filiais, Unidades Evangelizadoras, Koinonias e o Projeto Pioneiro, que podem ser considerados precursores dos pequenos grupos.⁵ Mas os primeiros experimentos adventistas com grupos familiares na América do Sul foram esparsos e inconstantes. Essa realidade só foi superada depois que os pequenos grupos se consolidaram no território peruano, e o Departamento de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana os incorporou como uma de suas estratégias evangelísticas.

Embora os pequenos grupos ou células sejam hoje um dos métodos mais populares e eficazes de crescimento de igreja, existem sérias críticas tanto ao misticismo carismático de Paul Yonggi Cho quanto à ideologia sociológica das

células “G12”.⁶ Diante dessa realidade, é imprescindível construirmos um modelo de pequenos grupos autenticamente adventista, fundamentado nos princípios bíblicos.⁷ O presente artigo fornece uma breve visão panorâmica do desenvolvimento de pequenos grupos nas Escrituras, baseado no princípio de que tais grupos devem “trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos”.⁸ Esse princípio pode ser resumido adequadamente no binômio “comunhão e missão”.⁹

ANTIGO TESTAMENTO

O conceito de missão no Antigo Testamento tem sido definido como de natureza *centrípeta*, em contraste com a missão *centrífuga* do Novo Testamento.¹⁰ Uma das características básicas desse conceito é a de gentios sendo atraídos para junto do povo de Deus, como no caso da rainha de Sabá que visitou o rei Salomão (1Rs 10:1-13; 2Cr 9:1-12), e dos embaixadores de Babilônia que indagaram acerca da cura miraculosa do rei Ezequias (2Rs 20:1-19; 2Cr 32:24-31; Is 38-39). Em Isaías 56:1-8 aparece uma profecia sobre a era messiânica em que israelitas e estrangeiros seriam reunidos no templo de Jerusalém, que se chamaria “Casa de Oração para todos os povos” (v. 7).

Encontramos também no Antigo Testamento a existência de pequenos grupos de pessoas, como no caso de Noé e sua família na arca (Gn 7); a reunião de Abraão com o Senhor e dois anjos (Gn 18); e a celebração da Páscoa em família e, em alguns casos, com a presença de vizinhos (Êx 12:1-11). A importância da religião em família é destacada tanto na postura de Josué ao renovar a aliança com o Senhor (Js 24:14,

15) quanto no costume de Jó de reunir sua família para a santificar (Jó 1:4, 5). Deuteronômio 11:19 ordena: “Ensinai-as [as palavras do Senhor] a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos.”

O convívio e o ensino em pequenos grupos, mesmo com propósitos evangelísticos, encontra suas raízes no Antigo Testamento. Mas devemos ser cuidadosos para não impormos ao texto bíblico conceitos que só se tornam explícitos no Novo Testamento. Tentativas de considerar a própria Trindade no Céu, bem como Adão e Eva no Jardim do Éden, como já sendo pequenos grupos, podem acabar desvirtuando a natureza e o propósito desses grupos. A mera socialização, por mais importante que seja, jamais deveria substituir a ênfase em *comunhão e missão*.

NOVO TESTAMENTO

A igreja apostólica combinava de maneira marcante a comunhão e a missão, como evidente em Atos 2:42-47: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.”

Em seus primórdios, a igreja cristã se reunia no templo de Jerusalém, nas sinagogas locais e, posteriormente, nas catacumbas de Roma. Como os templos cristãos somente começaram a surgir no início do século 3 d.C., muitas igrejas funcionavam nas próprias casas dos cristãos. Referindo-se a Priscila e Áquila, Paulo menciona “a igreja que se reúne na casa deles” (Rm 16:3-5) e “a igreja que está na casa deles” (1Co 16:19). Paulo escreveu também a respeito da “igreja que ela [Ninfa] hospeda em sua casa” (Cl 4:15), e da “igreja que está em tua casa [de Filemom]” (Fm 1, 2). Mesmo variando em número de membros e também em temas estudados, tais igrejas do lar estavam focalizadas na comunhão e missão, e ainda servem de modelos para nós. Mais do que mera reunião de cristãos, uma igreja em casa possui certas características distintivas.

Ellen White declara: “Algumas famílias têm uma pequena igreja em casa. O amor mútuo liga entre si os corações, e a unidade que existe entre os membros da família prega o sermão mais eficaz que se possa pregar acerca da piedade prática. Ao cumprirem fielmente os pais seu dever na família, restringindo, corrigindo, aconselhando, guiando – o pai como sacerdote da família, a mãe como missionária do lar – estão ocupando a esfera que Deus quer que ocupem. Pelo fiel cumprimento dos deveres domésticos, estão multiplicando instrumentos para fazerem o bem fora de casa. Estão se tornando mais aptos para trabalhar na igreja. Educando discretamente seu pequeno rebanho, ligando os filhos a si mesmos e a Deus, pais e mães tornam-se colaboradores de Deus. A cruz é erguida em seu lar. Os membros da família se tornam membros da real família do alto, filhos do celeste Rei.”¹¹

CÍRCULO APOSTÓLICO

Na minha opinião, o modelo su-premo de pequenos grupos não se encontra nos antecedentes do Antigo Testamento nem nas igrejas das casas mencionadas no Novo Testamento, e sim no próprio círculo apostólico (ver Mt 10; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16), formado por pessoas das mais variadas personalidades.¹² O texto bíblico afirma que Jesus “designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:14). Fica evidente a ênfase na comunhão (“para estarem com Ele”) e na missão (“para os enviar a pregar”). Em realidade, “os doze eram o âmago de um novo movimento representando a nova era e a nova atividade de Deus”.¹³

Os apóstolos foram chamados como discípulos do Mestre para uma missão específica (Mt 4:19). No círculo apostólico, formado por doze pessoas, eles (1) mantinham comunhão com Cristo; (2) socializavam-se uns com os outros; (3) eram ensinados pelo Mestre; (4) eram treinados para a missão; e (5) participavam dos esforços evangelísticos. Ellen White comenta que “quase todos os doze tinham vivido juntos, como membros da família de Jesus”.¹⁴ “Era pelo contato pessoal e a associação, que Jesus preparava os discípulos. Ensinava-os, às vezes, sentado entre eles na encosta da montanha; outras, às margens do lago, ou caminhando em sua companhia, revelava-lhes os mistérios do reino de Deus.”¹⁵



Foto: Jupiterimages/Stockport

O que ocorreu no círculo apostólico não devia ser considerado honrosa exceção, e sim um modelo ideal a ser seguido ainda hoje. “Jesus escolheu homens ignorantes, porque não haviam sido instruídos nas tradições e errôneos costumes de seu tempo.”¹⁶ “Quão incansáveis foram Seus esforços no sentido de preparar os discípulos para o trabalho! Mas quão pouco temos feito!”¹⁷ “A vida desses homens, o caráter que desenvolveram e a poderosa obra por Deus operada por intermédio deles, são testemunhos do que Ele fará por todos quantos forem dóceis e obedientes.”¹⁸ Sem dúvida, “o que homens fizeram, homens podem fazer”.¹⁹

O IDEAL DE CRISTO

Existem hoje vários modelos de pequenos grupos, com distintos objetivos. Alguns deles são grupos apenas de socialização. Outros, de aprofundamento doutrinário. Outros ainda, de evangelização. Creio que cada um deles cumpra um propósito específico e pode ser uma bênção para a igreja. Mas que impacto a Igreja Adventista do Sétimo Dia exerceria no mundo se seus pequenos grupos conseguissem integrar essas diferentes áreas, buscando se aproximar o máximo possível do ideal deixado por Cristo no círculo apostólico, onde havia comunhão, socialização, ensino, treinamento e evangelização!

Outras denominações podem se contentar com um modelo meramente sociológico de pequenos grupos, onde as pessoas se sentem aceitas e confortadas por um mero evangelho social ou mesmo por um simples existencialismo religioso, sem verdadeiro compromisso com a Palavra de Deus. Mas como adventistas do sétimo dia, que procuram viver em conformidade com

“toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4), precisamos nos comprometer não apenas com os ensinamentos de Cristo, mas também com Sua metodologia, devidamente contextualizada à nossa realidade.

Ellen White declara: “Lembremos de que se deve ver na vida dos seguidores de Cristo a mesma devoção, a mesma sujeição à obra de Deus de todos os reclamos sociais e de todas as afeições terrenas, que se via em Sua vida. [...] Deus exige aquilo que nós não damos – consagração sem reservas. Se todo cristão tivesse sido fiel ao voto feito ao aceitar a Cristo, não teriam sido deixadas a perecer no pecado tantas pessoas no mundo. Quem responderá por aqueles que têm baixado à sepultura sem estar preparados para se encontrar com seu Senhor?”²⁰ Nossos pequenos grupos devem se transformar em genuínos centros de treinamento de missionários que concluirão, pela graça de Deus, a pregação do “evangelho eterno” (Ap 14:6, 7) em nossa geração. A

Referências:

- ¹ Alguns antecedentes históricos do moderno movimento de pequenos grupos são mencionados em Emilio Abdala, *Ministério*, janeiro-fevereiro de 2009, p. 29-31.
- ² Paul Yonggi Cho, *Successful Home Cell Groups* (Plainfield, NJ: Logos International, 1981); *Grupos Familiares y el Crecimiento de la Iglesia* (Miami, FL: Vida, 1982). Informações adicionais sobre a igreja do Evangelho Pleno de Yoido podem ser encontradas no site <http://www.fgtv.org>.
- ³ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavid_\(Paul\)_Yonggi_Cho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavid_(Paul)_Yonggi_Cho), acessado em 04/05/2009.
- ⁴ Ver, por exemplo, Paul Yonggi Cho, *O Ministério Adventista*, maio-junho de 1985, p. 21-24; Tercio Sarli, *Revista Adventista*, junho de 1985, p. 8, 9; Alberto R. Timm, *Esboços de Estudos Para Grupos Familiares: Um método moderno e eficaz para o crescimento e a conservação de sua igreja* (Porto Alegre, RS:

Departamento de Ação Missionária da Associação Sul-Rio-Grandense da IASD, 1985).

- ⁵ Alberto R. Timm, *Ministério*, janeiro/fevereiro de 2009, p. 25, 26.
- ⁶ Ver, por exemplo, Peter Masters, “Occult Healing Builds World’s Largest Church: The Influence of Paul Yonggi Cho”, em <http://falseteachersexposed.blogspot.com>, acessado em 04/05/2009; “G12 e os desafios atuais!” em <http://www.lideranca.org>, acessado em 04/05/2009.
- ⁷ Alguns conceitos úteis sobre a base bíblica dos pequenos grupos podem ser encontrados em Gareth W. Icenogle, *Biblical Foundations for Small Group Ministry: An Integrative Approach* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994); Elias Brasil de Souza, em Milton Torres, org., *Pequenos Grupos, Grandes Soluções* (Cachoeira, BA: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 2007), p. 15-27.
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 21, 22; *Serviço Cristão*, p. 9; *A Ciência do Bom Viver*, p. 152; *Obreiros Evangélicos*, p. 193.
- ⁹ Em novembro de 2007, a Comissão Diretiva Plenária da Divisão Sul-Americana da IASD reafirmou, através do voto 2007-211, o “compromisso de Comunhão e Missão dentro do programa de Evangelismo Integrado”.
- ¹⁰ Johannes Blauw, *A Natureza Missionária da Igreja: Exame da Teologia da Missão* (São Paulo: ASTE, 1966).
- ¹¹ Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus*, Meditações Matinais 1956, p. 223.
- ¹² Ver Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 290-297; Arthur Spalding, *Irmãos do Rei: Uma análise dos caracteres que compõem a família de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 75.
- ¹³ Donald A. Hagner, *Matthew 1-13*, Word Biblical Commentary (Dallas, TX: Word, 1993), v. 33A, p. 267.
- ¹⁴ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 3.
- ¹⁵ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 152.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 250.
- ¹⁷ Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 53.
- ¹⁸ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 250.
- ¹⁹ _____, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 28.
- ²⁰ _____, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 53.

APROFUNDANDO A CAMINHADA

**2º Fórum de pequenos grupos da Divisão Sul-Americana
Brasília, 2-5 de novembro de 2008
Resoluções (Resumo)**

DECLARAÇÃO DE VISÃO

“Que os pequenos grupos sejam a estrutura espiritual e relacional básica da igreja e das ações relacionadas ao pastoreio, discipulado, e à participação dos membros na missão, de acordo com seus dons espirituais, constituindo-se no estilo de vida de cada adventista do sétimo dia. Que os departamentos da igreja e seus programas sejam facilitadores do desenvolvimento de pequenos grupos, e que estes sejam o veículo adequado dos programas da igreja.”

PROPOSTAS SOBRE GERENCIAMENTO E PASTOREIO

Os pequenos grupos devem ser a base para o processo de discipulado e a formação de líderes, de acordo com os dons espirituais. Ao pastor compete estruturar a liderança dos Pequenos Grupos da seguinte maneira:

- 1) Escolher o coordenador dos pequenos grupos
- 2) Escolher o supervisor de líderes para três a cinco grupos
- 3) Escolher o líder de pequeno grupo

Ele também deve estabelecer um cronograma de reuniões (semanais/quinzenais) com sua equipe de líderes, para ajustar o foco, prestar contas, apresentação de relatórios e elaborar as seguintes estratégias: priorizar o pastoreio e a edificação espiritual dos membros dos Pequenos Grupos.

COMPREENSÃO SOBRE PEQUENOS GRUPOS RELACIONAIS

A expressão “grupo relacional” não deve ser entendida como reunião social de pouco ou nenhum conteúdo bíblico, mas como um grupo de pessoas que se reúne para estudar a Bíblia, visando ao crescimento espiritual e à conquista de outras pessoas para Cristo. O pequeno grupo não deve ser apenas um grupo social nem exclusivamente evangelístico. Deve haver equilíbrio entre essas duas ênfases. Por sua vez, o estudo da Bíblia, doutrinário ou não, deve ser apresentado de modo relevante e pertinente, direcionado a atender às necessidades das pessoas.

Os interessados que frequentam os pequenos grupos devem ser inseridos numa classe bíblica ou receber pessoalmente uma série de estudos bíblicos como parte do seu preparo para o batismo.

TRANSIÇÃO PARA UMA IGREJA EM PEQUENOS GRUPOS

A igreja, em todos os seus níveis de organização (incluindo a igreja local), deve priorizar a implantação e consolidação dos pequenos grupos, num processo gradual e progressivo.

EVANGELISMO E PEQUENOS GRUPOS

Que os pequenos grupos, no planejamento missionário da igreja, sirvam de base para:

- 1) Motivar os membros ao cumprimento da missão, conforme os dons de cada um.
- 2) Envolver duplas missionárias com estudos bíblicos em casas de amigos.
- 3) Integrar à igreja aqueles que estão estudando a Bíblia.
- 4) Servir como ponto de apoio e participação dos membros nos grandes projetos missionários da igreja.

Que os pequenos grupos sejam apoio e complemento do evangelismo público, encaminhando interessados para as reuniões evangelísticas bem como prestando a eles a devida assistência. Ao ser planejado o evangelismo, a estrutura dos pequenos grupos deve ser considerada no que tange à conservação dos novos conversos na igreja, bem como no surgimento de novas igrejas. O crescimento saudável dos pequenos grupos resultará em novas congregações, cuja liderança será a dos grupos que lhes deram origem.

Que o crescimento da igreja seja observado também na multiplicação dos pequenos grupos. Tendo alcançado maturidade, de modo natural, eles se dividirão para gerar novos pequenos grupos em outros lugares.

Que os pastores se especializem no Evangelismo de Colheita, utilizando os pequenos grupos como base para a sementeira. Isso facilitará a permanência dos conversos na igreja e também o discipulado deles.

O legado do Bom Pastor

Salmo 23

INTRODUÇÃO

1. Durante os anos de nossa infância aprendemos a recitar o belo Salmo do Pastor.
 - a) Então, na meia-idade, quando somos assolados pelos problemas familiares, do lar e dos negócios em geral, vemo-nos novamente retornando a esse Salmo – nos momentos de desespero e frustração – encontrando novo sentido de conforto e força. Passamos a conhecer melhor o Pastor que irá nos guiar nos tempos difíceis.
2. À medida que os anos passam e o outono e inverno da vida chegam a nós, as palavras desse querido Salmo tornam-se ainda mais significativas.
 - a) Os queridos descansaram. O vazio, a lacuna que deixam, é algo quase insuportável. Então, novamente pegamos recitando-o com uma compreensão mais profunda: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo.”
3. Quase não há dúvidas de que Davi tenha escrito este Salmo no entardecer de sua vida. Ele estava refletindo, fazendo um retrospecto de sua vida dos anos sem fim nos quais o Senhor Deus foi seu Pastor.

I – A CHAVE DO SALMO

1. A chave se encontra no primeiro verso: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.”
 - a) Quem é o Senhor? Permitamos que Jesus nos responda com as palavras que proferiu dois mil anos a Seus ouvintes. Ver João 10:14, 15.
2. Em essência, não era isso o que Davi estava dizendo? Visto que o Senhor era para ele o que o verdadeiro pastor é para sua ovelha, ele teria suas necessidades atendidas.
 - a) Quando caminhasse pelo vale escuro da morte, poderia contar com a graça e a força para atravessar esses dias longos e exaustivos.
 - b) Ainda, não apenas o pastor conhece suas ovelhas nessas terras, mas a ovelha conhece seu pastor. Jesus expressou essa

ideia em João 10:2-4. Certamente, “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará”.

II – MAS ISSO NÃO É TUDO

1. “Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma.”
 - a) Aqui, em essência, está a história da vida do Filho de Deus. Ele estava iniciando a vida no amanhecer, com o labor e afazeres do dia. Chegou então o período de descanso, os momentos para estar em comunhão com Deus, para entrar em contato com o frescor do Céu.
 - b) “Ele me faz repousar.” Não seria esse o motivo para o cansaço – ou talvez para a enfermidade? Na agitação da vida, algumas vezes esquecemos de descontraí-lo, de ter tempo para pensar, de nos alegrar no Deus que nos criou.
2. Davi nos diz que Deus é capaz de transformar a situação mais difícil em “pastos verdejantes” e as ondas mais encapeladas em “águas de descanso”. Entre as cores, o verde é a cor que maior repouso propicia e, ao mesmo tempo, a que traz mais esperança. Os “pastos verdejantes” requerem nuvens, chuva e então o sol. Frequentemente, as nuvens tempestuosas são necessárias para propiciar a chuva, mas sempre, a seguir, surge o sol.
3. Inevitavelmente, Deus nos conduz “pelas veredas da justiça, por amor do Seu nome”.
 - a) Aqui, Davi quis dizer: “caminhos retos”, rumo a um lugar determinado. Quando a vida é dirigida por Deus, nunca se perde o rumo. Sempre se está avançando para o alvo. De igual forma, quando Deus chama alguém para Seu descanso, está cumprindo Seu plano e concluindo Seu propósito na vida dessa pessoa.

III – AINDA QUE EU ANDE

1. “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo; o Teu bordão e o Teu cajado me consolam.”

- a) Note que os pastos verdejantes e as águas de descanso precedem a parte mais difícil da jornada com o Pastor – a parte que conduz ao “vale da sombra da morte”.
- b) As provas da vida – as travessias difíceis da estrada – nem sempre ocorrem nos anos do alvorecer de nossa vida. Geralmente, eles vêm ao entardecer, após termos tido tempo de conhecer nosso Deus, como nosso Amigo e Senhor, e também como nosso Salvador. Tivemos tempo de caminhar e conversar com Ele e de ouvi-Lo dizer que Lhe pertencíamos.

IV – O PREPARO PARA O FIM DA JORNADA

1. Os dois últimos versos desse belo Salmo nos preparam para o fim da jornada. Aqui, o cenário muda abruptamente do Pastor conduzindo Suas ovelhas pelo deserto da vida para um Anfitrião provendo amor e agindo com generosidade com Seus convidados.
 - a) O bom Pastor trouxe Seu rebanho para casa e a ideia de lar é tornada muito apropriada pela cena da mesa preparada com generosa provisão feita pelo mais paterno dos anfitriões.
 - b) A ovelha está segura no abrigo; os inimigos estão do lado de fora, espreitando, mas sem nada poder fazer. Verdadeiramente, o “cálice” da alegria transborda diante da atenção e cuidado amoroso do bom Pastor por Sua ovelha.

CONCLUSÃO

Não apenas Ele é o nosso Pastor. Aquele que nos guia e conduz e que vai adiante para aplainar os caminhos pedregosos e iluminar as sendas escuras, Ele também protege a “retaguarda”. Cuida para que o inimigo não nos ataque pela retaguarda, visto que Sua “bondade” e “misericórdia” nos seguirão todos os dias de nossa vida; e por fim, temos a certeza de que habitaremos “na casa do Senhor para todo o sempre”. **A**

Extraído da revista Elder's Digest

Diante da morte

1Coríntios 15:53-58

INTRODUÇÃO

Algumas vezes, em meio a nossa tristeza diante da morte, perguntamos: “Há algo lógico na morte?” “Por que morremos?” “A morte é apenas uma perda trágica?”

I – NÓS E A MORTE

1. O apóstolo Paulo nos diz que um dia o que é mortal vai se revestir de imortalidade (1Co 15:53, 54).

a) Quando o homem pecou, seu corpo ficou sujeito à enfermidade, à dor, à decadência e à assolação do tempo.

b) Não era propósito de Deus que o homem visse para sempre com esse tipo de corpo.

(1) Suponha que o ser humano não mais morresse, seria uma vítima eterna da enfermidade e da decadência.

(2) Embora a morte seja inimiga, Deus utiliza essa inimiga para o nosso bem.

(3) Portanto, nesse sentido, a morte é um benedito alívio; e mais ainda para os que obterão um corpo ressurreto, incorruptível e imortal.

2. O grande problema com a vida humana, para os que ficamos, é nossa capacidade de ver apenas um lado dela.

a) Em certo sentido, vemos a face interior da vida.

(1) Verdadeiramente, vemos agora “como em espelho, obscuramente” e conhecemos “em parte”. Porém, em meio a essas questões e dúvidas, lemos essa promessa no livro de Eclesiastes: “Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo” (Ec 3:11).

II – O TEMPO E OS CAMINHOS DE DEUS

1. Deus nos deu perspectivas para que vejamos as coisas como verdadeiramente são e como Ele pretende que sejam.

a) Esse princípio atua na natureza.

(1) Como exemplo, considere a semente. Ela tem aspecto feio, seco e morto – murcha e sem vida.

(2) Você consegue imaginar alguém entregando um pacote com sementes de flores em memória do ente querido de um amigo?

(3) E, no entanto, a semente contém toda a beleza da flor. No processo ordenado da natureza, a semente germina e se torna em planta que, por sua vez, dá o botão e

este se abre em uma gloriosa flor.

b) “Deus faz todas as coisas belas a seu devido tempo.”

2. Note igualmente a beleza no ciclo de nossa existência:

a) Naturalmente, apreciamos a beleza da primavera.

b) No verão, os campos estão dourados com seus grãos prontos para a colheita.

(1) Então, chega o outono. As folhas das árvores se tornam amareladas e curvamos a cabeça em humilde atitude de gratidão pela colheita.

(2) Chega o inverno, com o esplendor dos picos nevados.

c) Cada estação do ano tem sua própria beleza – como podemos compará-las?

(1) Podemos apenas concordar que “Deus faz todas as coisas belas a seu devido tempo”.

d) O mesmo princípio pode ser visto na vida humana.

(1) Que idade dos seres humanos é a mais bela?

(2) Pensemos no sorriso com covinhas no rosto inocente e dependente do bebê.

(3) Vemos, então, a menina na escola com seu rabo de cavalo e aparelho nos dentes.

(4) Ou o rapaz vestido em seu traje esportivo.

(5) O tempo avança para a fase dos anos ocupados estabelecendo o lar e a família.

(6) Finalmente, aparecem as rugas da idade – o rosto é marcado por linhas grifadas pelo amor. Cada idade parece oferecer maior beleza do que a anterior. “Deus faz todas as coisas belas a seu devido tempo.”

e) Mas, muito tempo atrás, uma cruz horrenda foi erguida nas cercanias de uma cidade antiga.

(1) Sobre esse instrumento de tortura foi pregado o corpo lacerado de um jovem profeta galileu que havia sido chicoteado e ferido.

(2) Uma coroa de espinhos foi cravada em Sua cabeça e uma inscrição sarcástica fixada acima dela: “Este é o Rei dos judeus”.

(3) Poderia alguém transformar esse quadro em algo belo?

(4) No entanto, três dias depois, Sua tumba estava vazia! Deus O tornou Senhor e Cristo, esse Jesus que foi crucificado.

(5) Hoje, vidas são devotadas em serviço humilde e amoroso em nome desse mesmo

Jesus. Até mesmo Sua cruz se tornou objeto de beleza para nós. “Deus faz todas as coisas belas a seu devido tempo.”

III – “ONDE ESTÁ, Ó MORTE, A TUA VITÓRIA?”

1. Diante disso, podemos captar algo dessas palavras desafiadoras de Paulo no verso 55.

a) Onde está o aguilhão da morte?

b) É o terror da pessoa que se aproxima de Deus e cujos pecados não estão perdoados. É o medo do desconhecido e do futuro misterioso.

c) Qual é a vitória da morte? É a reivindicação eterna de quem não se entregou a Deus – o aniquilamento sem esperança.

(1) Sem Deus, certamente a morte é um estado temível; há um caráter decisivo e apavorante nela.

d) Mas, graças a Deus, Paulo não para aí.

(1) Para aprender o segredo de sua coragem e da coragem e força de cada filho de Deus, devemos considerar as palavras do v. 57.

(2) Paulo antecipou a morte – não com um desejo mórbido de fugir da vida, mas reconhecendo sua inevitabilidade (pois as Escrituras declaram que “o homem devia morrer”).

(3) Paulo se deleita no fato de que Cristo removeu da morte o aspecto temível e apavorante que uma vez a acompanhou.

(4) Ele ressuscitou não apenas para nos dizer que haverá vida após a morte, mas para nos prometer: “Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar” (Jo 14:2, 3).

CONCLUSÃO

1. Certamente, todo cristão aguarda com expectativa a volta de Cristo.

2. Jesus virá a Seus filhos, ainda que mortos. E ali, na presença de Deus, eles não mais verão “como em espelho, obscuramente” e não mais conhecerão “em parte”.

3. Os mistérios da vida que nos deixam perplexos são revelados a eles. Se pudessem falar conosco hoje, sem dúvida ecoariam as palavras de Paulo em 1 Coríntios 15:58. **A**

Extraído da Revista Elder's Digest

Primeiro Deus

Mateus 6:25-34

INTRODUÇÃO

1. O texto contém a receita de Deus para livrar a humanidade da ansiedade doentia que gera conflito, angústia e desespero.

I. DEUS PROVÊ O NECESSÁRIO PARA O SUSTENTO

Esta verdade é ilustrada por Cristo com três figuras da natureza:

1. As aves do céu – v. 26.
 - a) As aves dormem e acordam cantando. Não vivem preocupadas.
 - b) Deus providenciou leis naturais para elas – Jó 38:41.
 - c) Isso, porém, não é uma apologia da displicência. Não podemos fazer como certo irmão que abandonou o trabalho para dedicar-se “à obra de Deus”, descuidando o sustento da família sob a desculpa de que “Deus cuidaria deles”.
 - d) Jesus, ao mencionar a ilustração das aves, não estava liberando o ser humano da responsabilidade do trabalho.
 - e) Você viu como as aves acordam cedo e saem à procura de alimento? Muitas vezes têm que voar longas distâncias para conseguir comida. Você tem que dormir e acordar louvando o Meu nome, como as aves do céu, porque Eu sempre terei um grão de mostarda para você.
2. O crescimento humano – Esta ilustração mostra a nulidade da preocupação humana. “Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?” (v. 27). A palavra grega traduzida como “curso da sua vida” é *helekia*, que pode ser “estatura” ou “idade”. Gosto mais da segunda aplicação.
 - a) O que Cristo está querendo enfatizar é o fato de que há coisas na vida que têm que ser aceitas e que é tolice a ansiedade com respeito a elas.
3. As flores do campo – v. 28.
 - a) Você já viu na época da primavera os campos floridos e perfumados? Já se abaixou para sentir em sua mão a suavidade e beleza de uma flor do campo? E ficou extasiado, pensando como Deus pode criar tanta beleza? “Nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”, afirma Cristo.

b) O conselho divino é: “Filho, não ande muito preocupado com a roupa, ou aparência, ou com a comida, ou a idade. Lembre-se das flores do campo, das aves do céu, do processo do crescimento humano.”

II. PRIMEIRO, DEUS

1. “Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça” (v. 33). Como podemos relacionar este conselho com a ilustração das aves, das flores e do crescimento? Em primeiro lugar notemos que as três apresentam os tipos de necessidades humanas.
 - a) A comida das aves – necessidades vitais, indispensáveis.
 - b) O vestuário das flores – necessidades “necessárias”.
 - c) A idade – necessidade imaginária. Adianta eu me preocupar para retroceder ou avançar no tempo? Mas vejamos em que sentido Deus deve ser o primeiro:
 2. Ao nascer de um novo dia, as aves do campo não acordam e saem a procurar comida como loucas. A primeira coisa que fazem é cantar, louvar a Deus, olhar o céu azul, contemplar o sol.
 3. A pessoa que cresce, não cresce em estatura ou idade porque se preocupa ou vive ansiosa.
 - a) O crescimento é uma consequência. Ela se alimenta e o tempo se encarrega do resto.
 - b) Você percebe o que Deus está querendo nos ensinar? O bebê não cresce nem tenta correr e crescer. O bebê nasce e a primeira coisa que mexe é a boca, à procura de alimento. Cristo é o leite, o pão, a vida. “Buscai primeiramente o reino de Deus” – isto é básico; o resto “será acrescentado”.
 4. As flores do campo – o que cresce primeiro numa flor? São as pétalas, as folhas ou o talo?
 - a) Primeiro é a raiz que vai para baixo, para o fundo na terra, à procura da umidade, da água vital.
 - b) Cristo é a água. A flor não teria a beleza “maior que as glórias de Salomão”, se primeiro não procurasse a água vital e salvadora. É isso que Cristo está nos dizendo: buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, e o mais será uma consequência.

III. O REINO DE DEUS E A SUA JUSTIÇA

1. O que é o “Reino de Deus”? Mateus usa essa expressão 31 vezes. Ela expressa não o “Reino da Glória”, mas o reino que Cristo veio estabelecer entre os homens, no coração, na vida, na experiência. Neste contexto, o Reino de Deus é uma forma de vida; coloca Cristo e Sua justiça acima de tudo.
2. Deus em primeiro lugar.
 - a) Na administração de nosso tempo, Ele deve ocupar o primeiro lugar. Antes de pensar no tempo para nós, temos que pensar no tempo de Deus: o sábado.
 - b) Na alimentação do nosso corpo; antes de pensar em nossos gostos e apetites temos que pensar nEle e na maneira como Ele quer que cuidemos do templo do Espírito Santo.
 - c) Na administração de nossos talentos, antes de usá-los para nós, temos que pensar em como usá-los para Deus.
 - d) Iguamente deve ser com os tesouros. Deus primeiro, depois eu.
3. O ser humano será feliz na medida em que seguir o conselho: “busque o reino de Deus e a Sua justiça”. De outra maneira, sua vida será sempre ansiosa. É assim que vivem os homens que não conhecem a Deus. “Os gentios é que procuram todas estas coisas” (v. 32).
 - a) Eles correm atrás dos seus interesses, do seu dinheiro, de seus apetites e, se sobrar tempo, pensam em Deus.
 - b) O povo de Deus é diferente: busca primeiro as coisas de Deus. Tudo o mais que precisa, Deus lhe dá como consequência do relacionamento de amor que existe entre ambos.

CONCLUSÃO

Não gostaria, meu irmão, de dizer ao Senhor Jesus: “Ajuda-me a colocar Tua justiça em primeiro lugar, ensina-me a viver para Ti, ajuda-me a fazer da cruz de Cristo o motivo de minha vida. Enfim, Senhor: recebe a minha vida toda.” Amém! **A**

Alejandro Bullón é ex-ministerial da Divisão Sul-Americana

Pilatos: escolhas e consequências

Mateus 27:11-26

INTRODUÇÃO

1. Todos os dias fazemos escolhas. Desde o momento em que acordamos pela manhã, decidimos com qual roupa vamos sair. Se vamos tomar sorvete, temos que escolher qual deve ser o sabor. E assim, passamos o dia todo tomando decisões e fazendo escolhas.
2. É bem verdade que todas as nossas escolhas nos trarão consequências, e que boas escolhas geram boas consequências; péssimas escolhas más consequências. Esta é uma regra básica (causa e efeito). Por exemplo: um jovem que decide prostituir-se, e amanhã está no hospital morrendo com Aids, significa que eu não preciso tomar a mesma decisão para obter a mesma consequência.
3. Aprendemos pelas semelhanças e pelos contrastes. Na Bíblia existem muitos exemplos de boas e más decisões. Hoje, vamos estudar sobre os erros das decisões de um homem chamado Pilatos.

I. DEUS NOS AJUDA A ESCOLHER

1. Certa vez, uma irmã da igreja me afirmou que Pilatos não foi culpado pela morte de Jesus, pois alguém deveria condená-Lo à morte. Pilatos apenas fez a profecia cumprir-se, ou seja, foi apenas o cumpridor do plano divino. Todavia, se atentamente revermos o texto, no verso 19, a mulher de Pilatos, orientada por Deus, avisou o esposo para que não entrasse na questão de Jesus. Pilatos foi avisado não por sua esposa, mas por Deus.
2. Deus jamais deixará alguém tomar uma decisão sem lhe mostrar qual é a vontade divina para sua escolha.
 - a) A vontade de nosso Pai está expressa em Sua Palavra: a Bíblia.
 - b) Mas, desde que a vontade de Deus não esteja expressamente escrita no Livro Sagrado, eu posso até mesmo pedir um sinal a Deus, para que Ele me mostre qual deve ser a minha escolha.
 - c) Contudo, nunca imagine que Deus responderá as orações de um ladrão pedindo um sinal, para saber se deve roubar um banco. Deus nunca mandaria tal si-

nal, pois em Sua Palavra está escrita Sua vontade: “Não furtarás.”

- d) “Mesmo então Pilatos não foi deixado agir às cegas” – (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 732). Deus jamais deixará alguém agir às cegas.

II. O MUNDO NOS AJUDA A ERRAR

1. O segundo erro nas decisões de Pilatos, encontramos nos versos 21 e 22, quando ele perguntou à multidão: “Qual dos dois quereis que eu vos solte?” E “Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?” Primeiro ele perguntou às pessoas qual dos dois ele deveria escolher para soltar.
 - a) Caro amigo, nunca, mas nunca pergunte ao mundo, às multidões, à televisão, aos jornais, ou a um amigo, se você deve decidir ficar ao lado de Jesus, ou não. Josué não permitiu que o povo escolhesse por ele, mas afirmou: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Js 24:15), isto é, você deve escolher.
 - b) Nunca deixe nem permita que outras pessoas decidam a quem você deve escolher; ou ainda pior: não pergunte ao mundo o que você deve fazer com Jesus.
 - c) Quando Pilatos fez essa pergunta à multidão, ele selou sua condenação, pois um dia Jesus tirará Suas vestes de Advogado e vestirá Suas vestes de Juiz. Então Ele perguntará: “O que farei Eu, com Pilatos, chamado governador?”
2. Em Mateus 10:32, Jesus afirmou: “Aquele que Me confessar diante dos homens, também Eu o confessarei diante de Meu Pai, que está nos Céus.” Em outras palavras, o que fazemos com Jesus aqui é o que Ele fará conosco amanhã no Juízo final. É duro para nós ter que ouvir isso, mas aquele que anda com Cristo, que decide por Jesus diante do mundo, dando testemunho de quem é o Senhor de sua vida, no futuro Ele o recompensará entregando seu nome ao Pai que lhe dará a vida eterna.

III. DEVEMOS DECIDIR POR JESUS

1. A última escolha errada de Pilatos foi lavar as mãos para Jesus. Naquele tem-

po quando alguém se recusava a tomar partido em alguma questão, ele lavava as mãos em público demonstrando uma atitude de neutralidade. Porém, no grande conflito entre o bem e mal, não existe posição de neutralidade. Não há como dizer: “Eu não sirvo nem a Deus nem a Satanás.” A um dos dois estaremos servindo, querendo ou não. O simples fato de manter-se na posição de neutralidade, já o coloca do lado do inimigo. Portanto, essa é a maior decisão de todas. É a maior escolha que um ser humano pode fazer e que trará uma consequência que durará por toda eternidade. Se escolhermos a Deus, teremos a vida eterna; se escolhermos o inimigo, a morte eterna.

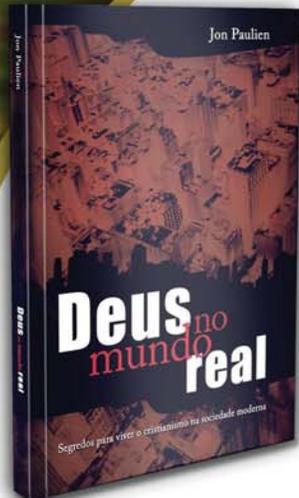
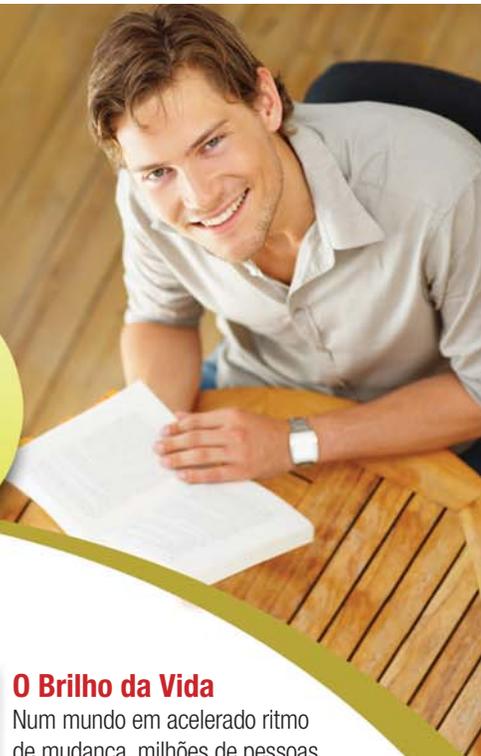
2. Prezado amigo, essa escolha tão importante deve ser feita hoje. Pilatos lavou as mãos para Jesus, no passado. Hoje, eu lavo as mãos para Jesus quando não estudo a Bíblia nem a lição da Escola Sabatina, quando não oro, ou não vou à igreja, ou não dou verdadeiro testemunho de minha fé. Nós aprendemos pelas semelhanças e pelos contrastes. Pilatos é um bom exemplo do que eu não devo fazer. Portanto, vamos, hoje, fazer nossa escolha por Jesus, para estar ao Seu lado neste grande conflito, mostrando ao mundo que vale a pena servir a Cristo.

CONCLUSÃO

1. No livro *Educação*, p. 57, Ellen White escreveu: “A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que não se comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caíam os céus.” A

*Orlando de Oliveira Filho
é pastor no Brasil*

Dicas de Leitura



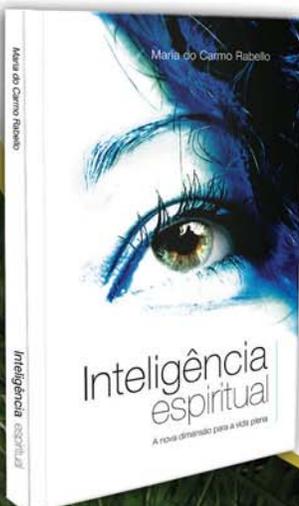
Deus no Mundo Real

Você conhece Deus? Que diferença isso faz? Jon Paulien, professor e pesquisador, aborda o tema da salvação em nível pessoal. Deus no Mundo Real esclarece os elementos básicos da mensagem do evangelho e demonstra como essa mensagem pode ser expressa de modo a fazer sentido no ambiente secular. Cód. 10405



O Brilho da Vida

Num mundo em acelerado ritmo de mudança, milhões de pessoas estão redescobrimdo o valor da vida conectada a Deus. Mas como conseguir uma espiritualidade autêntica e vibrante? O que fazer para alcançar a excelência espiritual? Neste livro imperdível, o autor convida você a engajar a mente, o coração e o corpo na busca de uma experiência real com o Deus vivo. Cód. 10657



Inteligência Espiritual

Estudos científicos estão confirmando as palavras de Agostinho de que fomos feitos para Deus e inquieto estará nosso coração até repousar em Deus. Leia este livro e entenda como Deus projetou nossa mente para se comunicar com Ele e qual deve ser nossa resposta à essa comunicação. Cód. 10660



Cura para a Alma Fatigada

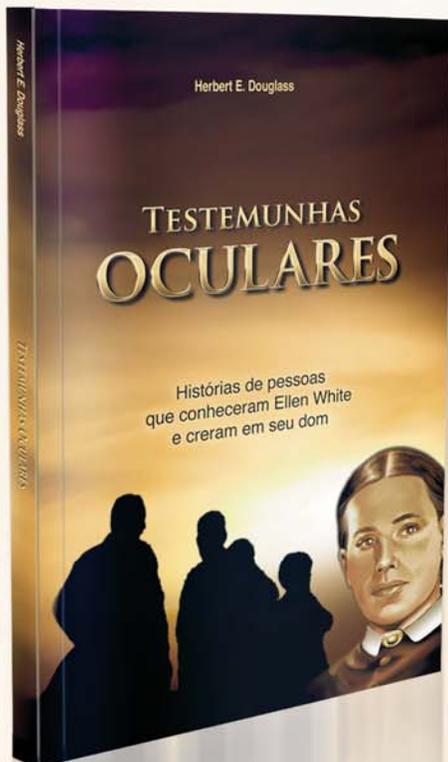
Com boa dose da terapia do riso e muita sabedoria, o autor expõe as causas principais do cansaço e prescreve a cura bíblica para tratá-las. Aprenda a vencer a ansiedade, banir a tristeza, colocar em ordem as prioridades, lidar com o desânimo, encontrar o perdão, seguir seu chamado e muito mais. Cód. 9184

Para adquirir, ligue: **0800-9790606**, acesse: **www.cpb.com.br**, ou dirija-se a uma das **Lojas da CASA ou SELS.**

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

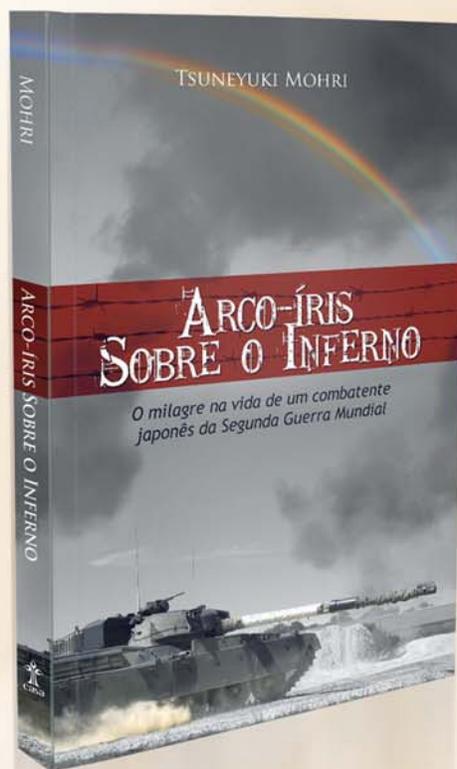


A LEITURA ENGRANDECE A ALMA



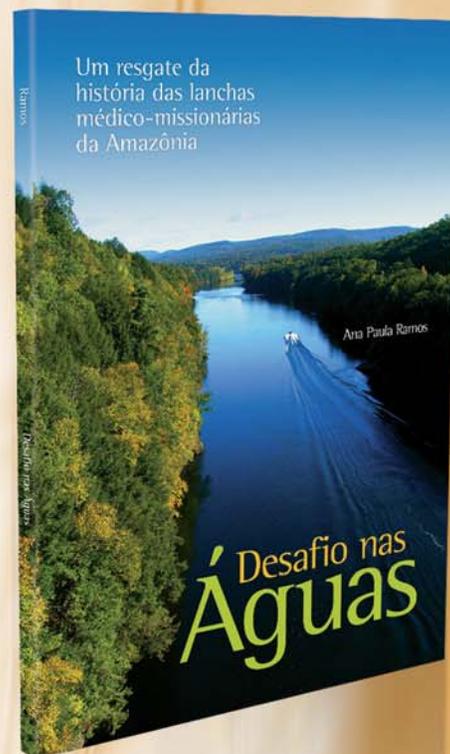
Eles estiveram lá. Eles viram Ellen White. Eles a ouviram falar. O que suas experiências têm a nos dizer hoje? Conheça 24 histórias de adventistas que ouviram Ellen White pregar ou que testemunharam suas visões e passaram a crer no seu dom profético.

Páginas: 144
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 10407



Os horrores da Segunda Guerra Mundial são vistos através dos olhos de um jovem japonês que se uniu à resistência contra os americanos e se tornou assassino. Sua prisão e condenação à morte formaram o pano de fundo para um encontro capaz de transformar sua vida. Escrito por um premiado autor japonês.

Páginas: 216
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 10411



Este livro é fruto de pesquisas e viagens de Ana Paula Ramos à região amazônica. Mais do que simplesmente contar uma boa história, a autora pretende resgatar o espírito abnegado dos pioneiros e manter viva a chama do sentimento que motivou os missionários a dedicar a vida para levar cura física e espiritual aos necessitados da Amazônia.

Páginas: 128
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 10661

**Adquira
logo os seus!**

**Para adquirir, ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br,
faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da Casa.**

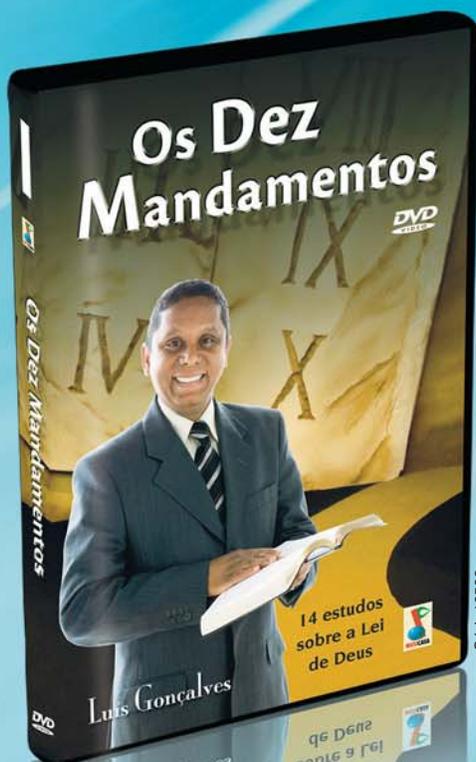
*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



Adquira já o seu!

14 ESTUDOS SOBRE A LEI DE DEUS

DVD E CD JOVEM 2009



Cód. 10588



NO DVD OS DEZ MANDAMENTOS, O PASTOR LUÍS GONÇALVES APRESENTA, DE MANEIRA DIDÁTICA E CATIVANTE, 14 ESTUDOS SOBRE AS DEZ REGRAS DE DEUS QUE SÃO A BASE PARA UM PADRÃO MORAL E ÉTICO DE NÍVEL SUPERIOR. COM UM ORADOR INSPIRADO E COM A PRATICIDADE DO DVD, SEU EVANGELISMO SERÁ AMPLAMENTE FORTALECIDO.

A PRODUÇÃO DE LINEU SOARES TRAZ MÚSICAS COM A CARA DO JOVEM DE HOJE. NO CD INCLUI: PLAYBACKS, MULTIMÍDIA, SLIDES, TRANSPARÊNCIAS, IDEIAS JÁ, PARTITURAS, CIFRAS, VOCAL, PIANO E ORQUESTRA. NO DVD POSSUI: CENAS DA NATUREZA, PAISAGEM DE TODO BRASIL E INTERNACIONAL, VOCAL E PLAYBACK, EXTRAS E BONUS. ADQUIRA LODO OS SEUS!

Para adquirir, ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br,
faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da Casa.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

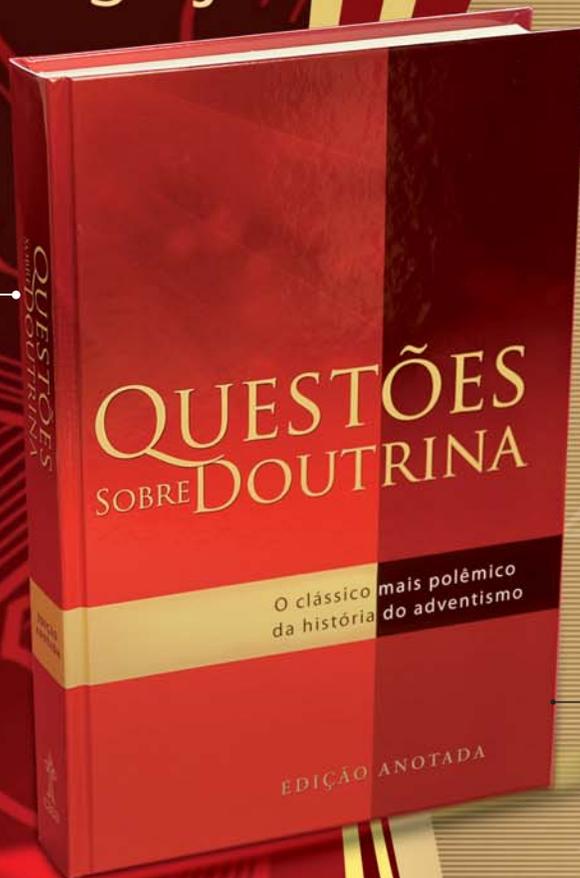


Fábio Barba

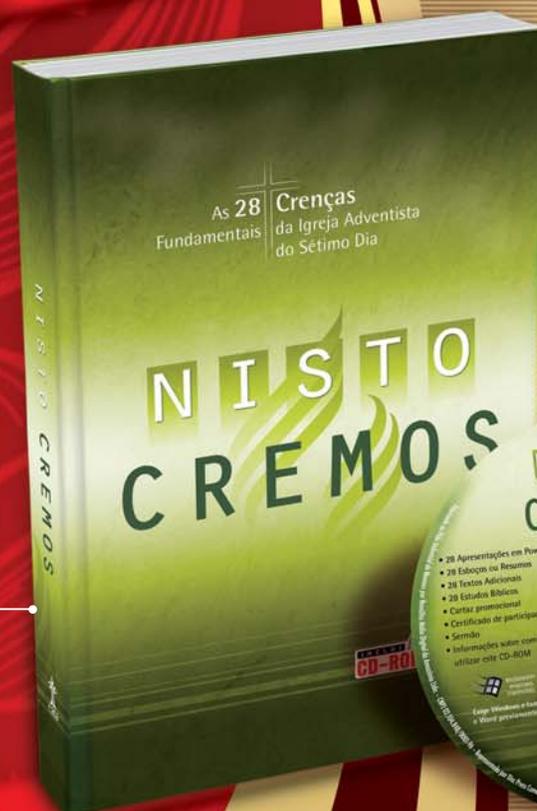
Conheça a fundo as doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Questões Sobre Doutrina foi escrito para apresentar ao mundo evangélico uma visão mais clara dos ensinamentos adventistas. Ironicamente, porém, acabou gerando muitos debates dentro da própria igreja. Foi até considerado o livro mais divisivo na história do adventismo e um símbolo de tensão. Agora você tem a chance de obter esta obra fundamental e esclarecer tudo sobre a teologia e as doutrinas adventistas. Você não pode deixar de ler este clássico!

Nisto cremos apresenta as crenças básicas dos Adventistas do Sétimo Dia de modo dinâmico e acessível, para você explorar, estudar e avaliar. Em detalhes, este volume mostra como cada crença está fundamentada na Bíblia e centralizada em Cristo. Ao contrário dos credos rígidos, o objetivo deste livro é revelar a percepção adventista sobre Deus e a verdade.



Encadernado
Formato: 16,5 x 23,8 cm
512 páginas
Cód. 8473



Brochura
Formato: 13,7 x 20 cm
480 páginas
Cód. 6099

CD-ROM

Kit de Estudos possui:

- 28 apresentações em PowerPoint
- 28 textos adicionais escritos por pastores e teólogos
- 28 estudos bíblicos inéditos
- Material complementar
- Tudo em português e espanhol



Para adquirir, ligue: 0800-9790606*,
acesse: www.cpb.com.br, ou dirija-se
a uma das Lojas da CASA ou SELS.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

A criação de Deus

INTRODUÇÃO

1. As três perguntas clássicas da humanidade: De onde venho?, por que estou aqui? e para onde vou? não têm sido respondidas satisfatoriamente pelos argumentos filosóficos.
- a) Parece que a raça humana perdeu sua própria identidade. As sugestões do inimigo têm confundido a razão do homem. Ler Romanos 1:21, 22.

Somente na medida em que o homem conhecer seu Criador, poderá conhecer a si mesmo; somente na medida em que conhecer sua origem, poderá conhecer seu futuro.

I. SEMANA DA CRIAÇÃO

1. Deus criou o meio ambiente e o homem, e repousou no sétimo dia.
2. A Terra estava desordenada e vazia (Gn 1:9). Deus, o originador do Universo, ainda não havia criado as condições apropriadas para a vida. No capítulo 1 de Gênesis há uma frase repetida cinco vezes: “E viu Deus que era bom.” Antes de concluir o capítulo, temos uma ênfase: “E eis que era muito bom.” Essas expressões refletem o sentimento de Deus com respeito à Sua obra na semana da criação.
- a) No primeiro dia, criou a luz. Sem luz não pode haver vida. Era essencial que houvesse luz quando o Criador começasse a obra de estabelecer a ordem no caos para criar nova vida (Gn 1:3-5).
- b) No segundo dia, criou a atmosfera terrestre. Nenhuma vida é possível sem ar. Sem atmosfera, nosso planeta estaria morto como a Lua (Gn 1:6-8).
- c) No terceiro dia, criou a terra, mares e a vegetação. Separou as águas da terra seca e logo a vegetação foi chamada à existência (Gn 1:9-13).
- d) No quarto dia, criou fontes de luz. O Sol, a Lua e as estrelas serviriam como instrumentos permanentes para a distribuição de luz no planeta (Gn 1:14-19).
- e) No quinto dia, criou os animais da água e as aves (Gn 1:20-23).
- f) No sexto dia, criou os animais terrestres (Gn 1:24, 25) e o homem – diferenciado

dos demais seres vivos – pois foi feito à imagem de Deus tanto em semelhança exterior como no caráter (Gn 1:26, 27).

- g) No sétimo dia, Deus repousou. A cessação da obra criadora fez parte da terminação da obra daquela semana. Este dia seria uma bênção especial para o homem, por isso Ele o santificou e o colocou à parte, para propósitos santos.

II. O PLANO DE DEUS

1. O homem em relação a Deus.
- a) Deus dotou o homem com livre-arbítrio, com autoconsciência e natureza espiritual. Essa natureza refletia a santidade divina de Seu Criador. No sétimo dia, o homem teria oportunidade de refletir no amor e bondade de Seu Criador, e assim assemelhar-se a Ele (Mc 2:27, 28). Antes da entrada do pecado, Deus Se comunicava diretamente com o homem, sem intermediário e interferência (Gn 1:28-30).
2. O homem em relação aos semelhantes.
- a) A solidão seria prejudicial para o bem-estar do homem. A companheira de Adão não fazia parte dos seres inferiores. O Altíssimo foi o autor da sagrada instituição do matrimônio (Gn 2:20-25) e através dela teve início uma interminável cadeia de relações interpessoais que, para Deus, não deveria existir nenhuma barreira (Lc 10:25-37).
3. O homem em relação ao meio.
- a) O homem foi constituído mordomo da criação que saiu das mãos de Deus (Gn 1:28). Deveria existir uma relação harmoniosa com o mundo animal (Gn 2:18, 19) e cuidar do lugar edênico que era uma revelação do amor divino (Gn 2:15).

III. A ENTRADA DO PECADO

1. Os anjos tiveram a oportunidade de manifestar sua amorosa lealdade a Deus. Agora, competia ao homem e à mulher decidir de que lado do conflito estariam. Somente teriam que ser leais ao mandado divino (Gn 2:16, 17), do contrário, as consequências da transgressão seriam inevitáveis. A astúcia de Satanás pôde mais que a vontade humana, e nossos primeiros pais cederam

diante da tentação e permitiram dessa forma a entrada do pecado (Gn 3:1-6).

2. Primeira consequência do pecado: o homem perdeu sua estreita relação com Deus (Gn 3:8). Teve medo da presença divina a partir do momento que se separou do Criador (Is 59:2).
3. Segunda consequência: perdeu a vida. “O salário do pecado é a morte” (Gn 3:19; Rm 6:23). Perpetuar a vida seria estender a existência do pecado (Gn 3:22). A crença popular de que existe vida após a morte estaria apoiando o argumento da serpente: “certamente não morrerás”.
4. Terceira consequência: perdeu a harmonia com seus semelhantes. Dentro de pouco tempo Caim tirou a vida de Abel (Gn 4: 8).
5. Quarta consequência: perdeu o controle sobre a natureza. Dor, sofrimento, trabalho pesado e luta pela sobrevivência passaram a fazer parte da experiência humana (Gn 3:17-19).
6. Quinta consequência: a morte do Filho de Deus para salvar o homem e suas consequências (Gn 3:15). O homem foi tomado como refém do inimigo, mas a segunda Pessoa da divindade pagaria o resgate com Sua própria vida. A única maneira em que o homem pode ficar em liberdade é tendo um substituto que receba o castigo pela transgressão (Is 53:6).

CONCLUSÃO

1. A vida, a morte e a ressurreição do Filho de Deus nos permitiram recuperar a condição do ser humano anterior ao pecado. Para recuperar nossa relação com Deus, precisamos confessar nossas faltas a Ele e aceitá-Lo como um amigo. Tome, hoje, a decisão de ser fiel a Ele, e adorá-Lo no dia que Ele escolheu para Se relacionar mais intimamente conosco.
2. Se você estiver ligado a Ele, você vai restaurar também seu relacionamento com outras pessoas por meio do perdão, e terá alegria ao desfrutar as coisas lindas da natureza que Deus fez para você, aqui e na eternidade. Amém! A

Roberto Pinto é pastor na Argentina

O Everest das profecias messiânicas

Isaías 53:6

INTRODUÇÃO

1. O monte Everest, no Himalaia, mede mais de 8.000 metros de altitude. É o ponto mais alto da Terra. De igual modo, Isaías 53 é a mais alta revelação profética sobre o Messias sofredor.

a) Nenhuma outra passagem da Bíblia apresenta mais claramente a natureza vicária e o caráter da morte de Cristo. É a história antecipada dos sofrimentos de Cristo.

b) Apesar de ter sido escrito no 7º século a.C., parece que foi hoje. Carlos Spurgeon, afamado evangelista, disse: “Que capítulo! Uma Bíblia em miniatura. O evangelho em sua essência.”

2. Sua inspiração e poder para comover são incalculáveis.

3. Ellen White declara que Satanás estudou diligentemente a profecia de Isaías e outras promessas referentes ao Messias. Elas lhe infundiram receio e temor, mas resolveu cegar os olhos das pessoas para que não vissem sua importância. Em grande parte, ele foi bem-sucedido, e ainda está procurando impedir que compreendamos o sacrifício que Jesus fez por nós e Lhe demos o devido amor.

a) Ellen White ainda afirma que deveríamos “deixar a imaginação se apoderar de cada cena” da vida de Jesus, especialmente as finais. “Este capítulo deve ser estudado, pois, apresenta Cristo como o Cordeiro de Deus. Todo o capítulo deve ser decorado” (E. G. White, *Comentário Bíblico Adventista*, v. 4, p. 1169).

I. JESUS PROFETIZADO (53:1-3)

1. Renovo é a último broto da planta. É a raiz que o sustém. Quando uma árvore é cortada até a raiz; da raiz, aparentemente sem vida, brota o renovo que cresce e floresce.

a) Apocalipse 22:16 diz que Jesus é a “raiz e a linhagem” (geração). A raiz nos fala de Sua divindade. A linhagem nos fala de Sua humanidade.

b) O “Renovo” fala do Bebê de Belém. O Verbo eterno Se fez carne. Participou de nossa natureza.

2. “Terra seca” – Não havia vida nem alegria,

porém ali estava a raiz. Qualquer agricultor sabe que não é normal que um broto apareça na terra seca. As leis da natureza demandam que haja umidade na terra para que possa haver germinação.

a) O servo do qual se fala aqui surgiria precisamente de uma origem tão estranha como uma “terra seca”.

b) Do ponto de vista humano, esta última comparação é muitíssimo apropriada: – Que pessoa distinta nasceu num estábulo? – Quem dentre os grandes da Terra tem-se esforçado para conquistar e influenciar os outros unicamente pela integridade, pelo caráter e pela virtude?

II. JESUS É O SUBSTITUTO (53:4-6)

1. Em Isaías 53, onze vezes é salientada a natureza vicária do sofrimento de Cristo:

(1) Ele tomou sobre Si nossas enfermidades; (2) Nossas dores levou sobre Si; (3) Deus O puniu em nosso lugar; (4) Ele foi traspasado pelas nossas transgressões; (5) Moído pelas nossas iniquidades; (6) O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele; (7) Pelas Suas pisaduras fomos sarados; (8) O Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós; (9) Foi cortado da terra dos vivos; (10) Ferido por causa de nossas iniquidades; (11) Os pecadores são justificados por Seu intermédio, ao passo que as iniquidades deles levará sobre Si.

2. O sofrimento foi vicário; o sofrimento foi voluntário; o sofrimento foi em obediência ao Senhor; o sofrimento foi por todos nós; o sofrimento foi para fazer mediação.

a) Jesus tomou sobre Si nossas enfermidades, culpas e suas consequências. Mediante a morte de Cristo, tanto a misericórdia como a justiça seriam mantidos.

b) Sofreu em nosso lugar. “É por ti que o Filho de Deus consente em carregar esse fardo de culpa; [...] Ele, o que leva sobre Si os pecados, sofre a ira de justiça divina, e torna-Se mesmo pecado por amor de ti” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 755, 756). “A culpa de todo descendente de Adão pesava-Lhe sobre Ele” (*Ibid.*, p. 753).

III. JESUS CUMPRIU A ESCRITURA (53:7-9)

1. Isaías apresenta Jesus obediente até a morte.

a) “Como um cordeiro” salienta a submissão da vítima. Não protestou, nem Se queixou para Se defender. O silêncio foi a evidência de uma submissão total e incondicional.

b) Esvaziou-Se de Sua divindade (Fl 2:6-8; 2Co 5:21).

2. Cumpriu as profecias acerca dEle: Sofreu pelos outros (Mt 26:28). Silêncio diante do abuso (Mt 26:63; 27:12-14). Contado entre os transgressores (Mc 15:27, 28). Intercede pelos transgressores (Lc 23:34). Derrama Sua alma até a morte (Mt 27:50).

IV. JESUS E O FRUTO DE SUA OBRA (53:10-12)

1. Foi terrível a luta para livrar os cativos de Satanás. Enquanto Satanás procura exaltar-se e ser igual a Deus, Jesus, despojando-Se de tudo, humilhou-Se.

a) Prosperou a despeito de Sua terrível humilhação. Jesus é o mais forte (Lc 11:21, 22; 2Tm 2:26).

b) Vendo o fruto de Seu trabalho na conversão das nações, até Ele, por meio dessa obra Se sentiu amplamente compensado pela agonia que sofreu.

c) Cristo mesmo viu Sua crucifixão como cumprimento dessa profecia (ver Lc 22:37).

2. Quão enorme é para Deus o valor de uma pessoa!

a) Em que encontrará satisfação o Messias? Estará feliz ao ver a plenitude da glória que vem do Pai. Ficará cheio de regozijo ao ver os incontáveis milhões que O buscam com fé sincera e chegam a ser novas criaturas. **A**

CONCLUSÃO

Visto que agradou ao Senhor salvar-nos, sejamos-Lhe gratos aceitando hoje a Sua salvação. Amém!

Laércio Mazzaro é o secretário de comunicação da União Central Brasileira



Nader Oliveira

Jolivê Chaves
Diretor de Ministério
Pessoal da Divisão
Sul-Americana

Fortalecendo a base

*Uma estratégia que garante a manutenção
e o crescimento dos pequenos grupos.*



Foto: Japtemmagal/Stockport

Antes de apresentar um plano para a implantação e funcionamento dos Pequenos Grupos em nosso território, faz-se necessário deixar claro dois fundamentos. O primeiro deles é a visão dos Pequenos Grupos na Divisão Sul-Americana: “Que os Pequenos Grupos sejam a estrutura espiritual e relacional básica da igreja e das ações relacionadas ao pastoreio, discipulado, e a participação dos membros, de acordo com seus dons espirituais no cumprimento da missão; constituindo-se em um estilo de vida de cada adventista do sétimo dia e que os departamentos da igreja e seus programas sejam facilitadores no desenvolvimento dos Pequenos Grupos e que estes sejam o veículo adequado do programa da igreja”.¹

Essa declaração nos desafia a fazer do pequeno grupo a base para o atendimento da igreja nos aspectos espiritual, relacional e missionário. Ele não deve ser apenas um programa e sim o estilo de vida dos membros e a estrutura através da qual o pastor atenda e discipule seu rebanho.

O segundo fundamento tem que ver com a compreensão da igreja quanto ao propósito de sua existência. “A Igreja de Cristo foi organizada com fins missionários”.² Por isso, Russel Burrill diz que, antes da implantação dos Pequenos Grupos duas coisas devem ocorrer na igreja: redescobrir a paixão evangelística e sentir necessidade de salvar pessoas. Também deve compreender a verdade bíblica de que todos os crentes são ministros e que o pastor é o orientador e capacitador deles para o ministério.³

Isso significa que o pequeno grupo não é um fim em si mesmo, mas o meio estabelecido por Deus para nos

levar ao fim desejável que é a maturidade espiritual de cada crente e a salvação de pessoas através do testemunho e da pregação do evangelho. Sem a visão clara de um ministério individual e sem o intenso desejo de salvar pecadores, os membros não estarão dispostos a se comprometer com os pequenos grupos.

PASSO A PASSO

Aqui estão os passos sugeridos para a implantação e consolidação dos pequenos grupos de acordo com o fórum de pequenos grupos:⁴

Considerando que todo processo de mudança é difícil e desafiador, e que mudanças demandam tempo, esforço e muita determinação; considerando a presente visão com respeito aos pequenos grupos, propomos:

Que a igreja em todos os seus níveis, a partir da igreja local, priorize a implantação e consolidação dos pequenos grupos no seu plano de trabalho.

Precisamos implantar gradual e sistematicamente em todos os níveis da igreja os pequenos grupos e criar mecanismos para fortalecê-los cada vez mais. Isso inclui preparo de materiais, treinamentos e o compromisso individual de cada pastor e líder da igreja, para alcançar o ideal de uma igreja em pequenos grupos.

Que o processo de mudança seja gradual e progressivo.

A mudança de visão deve preceder a mudança de comportamento, por isso, não podemos implantar os pequenos grupos “por atacado”. O processo requer tempo e uma estratégia gradual e progressiva. Primeiramente, o pastor deve incorporar a visão e, depois, transmiti-la aos líderes da igreja e líderes em potencial de pequenos grupos. A transição deve ocorrer de igreja em igreja.

Que os pastores trabalhem com o plano de implementação e consolidação através de pequenos grupos protótipos.

O sistema de pequeno grupo protótipo (modelo) tem se mostrado o mais



Foto: Daniel Oliveira

eficaz no processo de implementação e consolidação de pequenos grupos. O pastor forma um pequeno grupo com os potenciais líderes de pequenos grupos, neles implanta a visão e, ao mesmo tempo, ensina pela teoria e prática como eles devem liderar um pequeno grupo. Depois, esses líderes iniciam seu próprio pequeno grupo, seguindo o modelo apresentado pelo pastor.

Que a igreja mantenha a visão permanente de uma igreja em pequenos grupos, através de fóruns, festivais, retiros espirituais, materiais e testemunhos.

Para que os pequenos grupos sejam consolidados, a visão deve ser sempre realimentada. Daí, a necessidade de manter um cronograma de atividades e materiais que fortaleçam o processo. Na DSA, temos produzido livros sobre o assunto. Também temos mantido fóruns e outras reuniões de discussão sobre o assunto, com a liderança da Igreja no continente. As Uniões e Campos também têm buscado manter e ampliar a “visão” no dia a dia da igreja.

Que haja um esforço intencional e constante na busca pela multiplicação dos pequenos grupos.

O melhor caminho para aumentar o número de pequenos grupos e envolver toda a igreja é através da multiplicação dos que já estão consolidados. Para isso, o grupo deve estar preparado para se multiplicar, o que envolve um bom projeto missionário e investimento na formação de novos líderes.

RESULTADOS PRÁTICOS

Este é o terceiro ano desde que a Associação Sul-Rio-grandense iniciou uma nova fase no projeto de pequenos grupos. Segundo o pastor Herbert Boger, diretor de Ministério Pessoal, tudo começou com os chamados pequenos

grupos de pastores, um protótipo formado por pastores desejosos de entrar no processo.

Inicialmente, realizava-se uma reunião semanal com material apropriado para a mudança de valores e para que eles próprios pudessem experimentar os benefícios práticos da vivência em um pequeno grupo. Depois de três meses, o encontro se tornou quinzenal. Simultaneamente, os pastores faziam o mesmo com líderes em suas igrejas, escolhidos pelo pastor, recomendados pela comissão e aceitos por votação pela igreja. Durante os três meses do funcionamento do pequeno grupo protótipo com os líderes, o pastor visitava mensalmente cada líder com o objetivo de ajudá-lo a se preparar em âmbito espiritual, familiar e na capacidade de liderança. Entre um e três meses depois, conforme os líderes iam se sentindo seguros, eles passavam a liderar seus próprios grupos. O projeto foi planejado para quatro anos e cada pastor busca implantar os pequenos grupos em duas igrejas por semestre. A manutenção é feita através de reuniões regulares e retiros espirituais com líderes.

Atualmente, o Campo tem 1.030 pequenos grupos, dos quais 840 realizaram evangelismo na semana santa. A média de um grupo para cada 25 membros é uma das melhores em nosso território. No ano passado, foram batizadas 2.200 pessoas na Associação, sendo a maioria fruto do trabalho dos grupos.

Experiência bem-sucedida também se repete em outras regiões da América do Sul. Diz o pastor Marcos Nunes, da Associação Planalto Central: “É o método mais funcional de continuação de pequenos grupos que já experimentei”, e acrescenta: “É assim que transfiro a visão e valores para os líderes. Em meu

ministério, pequenos grupos têm sido facilitadores da comunhão, missão e vida em comunidade.”

Carlos Fernandez, que pastoreia o distrito de Villa Mitre, no Sul da Argentina, reúne quinzenalmente seus líderes, e diz que aqueles “que assistem às reuniões, são os que realizam o melhor trabalho”. Metade dos membros do distrito está envolvida em pequenos grupos. Bill Quispe, diretor de Ministério Pessoal na Missão do Oriente Peruano, concorda: “A estratégia de implantação e manutenção dos pequenos grupos se baseia no grupo protótipo com os futuros líderes e, depois, na reunião mensal com eles.”

Portanto, a estratégia eficaz de implantação e consolidação de pequenos grupos envolve um processo que inclui o pequeno grupo protótipo, seguido de reuniões regulares com os líderes, e a constante alimentação da visão através de retiros, festivais e grandes encontros. O estudo regular de livros relacionados ao assunto é primordial, além de testemunhos de pessoas que estão vivendo a experiência. Também é fundamental levar a igreja a uma experiência de “Comunhão e Missão” cada vez mais profunda, o que preparará os membros para aceitar os desafios de fazer do pequeno grupo um estilo pessoal de vida. O resultado será a multiplicação de pequenos grupos e o decorrente preparo para a volta de Jesus! **A**

Referências:

- ¹ Declaração de visão elaborada no 2º Fórum de Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, realizado em Brasília, 02 a 05/11/2008, e votada pela Comissão Diretiva da DSA.
- ² Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 464.
- ³ Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21*, p. 160.
- ⁴ 2º Fórum de Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, Brasília, 02 a 05/11/2008.



Neuber Oliveira

Otimar Gonçalves
Diretor do Ministério
Jovem da Divisão Sul-
Americana

Força jovem no pequeno grupo

Um projeto para envolver a juventude na missão da igreja

De acordo com Ellen G. White, “há muitos ramos em que os jovens podem aplicar seus esforços em favor de outros. Organizem-se eles em grupos para o serviço cristão, e haverá cooperação, auxílio e encorajamento” (*Educação*, p. 269).

Acaso, você alguma vez imaginou uma revolução espiritual tendo como protagonista nossa juventude? Ela representa 63% dos membros da igreja adventista na América do Sul e, às ve-

zes, fico pensando, orando e pedindo a Deus que, em Sua infinita sabedoria, nos dê uma estratégia evangelística para desafiar e comprometer nossos jovens com a missão da igreja.

Tendo em mente esse objetivo, nos deparamos com alguns desafios modernos como, por exemplo: Como é possível usar a internet, o *youTube*, *messenger* e *orkut* de modo seguro e eficaz na pregação do evangelho?



Foto: Willem de Moores

Como fazer para que nossos jovens voltem a ter interesse pela Bíblia e, conseqüentemente, a estudem diariamente? Como podemos levar cada juvenil e jovem a sentir interesse pela missão de pregar o evangelho a um mundo altamente secularizado, individualista e hedonista, no qual tudo tem o “cheiro” de sensualidade no ar?

Estou certo de que, embora os modernos recursos da cibernética facilitem o relacionamento (mesmo que virtual) entre adolescentes e jovens, eles não podem suprir a necessidade vital de carinho e afeto que somente o contato pessoal pode satisfazer em sua totalidade. Precisamos criar ou reinventar uma rede pessoal de relacionamentos para

jovens a qual podemos denominar “pequenos grupos para jovens”.

A SAÍDA

Não faz muito tempo, tive oportunidade de conversar com três líderes de pequenos grupos para jovens nas regiões Nordeste e Sul do Brasil: Robertson Dias, do Recife, PE; Jéssica Oliveira, de Lauro de Freitas, BA; e Cláudio Santos, de Porto Alegre, RS. Durante o diálogo, notei que, embora vivam em regiões bem distantes uma da outra, os três líderes mantêm alguns princípios em comum. Também ficou claro que o Espírito Santo os guia, orienta e os enche de entusiasmo na formação da nossa rede de relacionamentos in-

terpessoais para jovens, ou pequenos grupos. Vejamos, então, os princípios afins entre eles:

Paixão pelo que fazem. Para que seja funcional essa rede de relacionamentos entre os jovens da América do Sul, é imperioso contar com jovens apaixonados pela liderança de pequenos grupos. Os três líderes mencionados “respiram e transpiram” entusiasmo pelo serviço prestado à causa de Deus.

Mentalidade denominacional. Isto é, independentemente de quem seja o pastor, eles continuam amando o trabalho e a ele se dedicando, tendo em vista o progresso da missão que nos foi confiada pelo Senhor Jesus. Trabalham “a tempo e fora de tempo”. A grande motivação que os impulsiona é preparar outros jovens para servir a Cristo e ao semelhante.

Apoio pastoral. Todos eles foram unânimes em afirmar que, se o pastor e os anciãos da igreja não acreditarem no trabalho e apoiá-lo, participando pessoalmente dos pequenos grupos jovens, pouco adiantará o empenho deles. Por isso, é oportuno lembrar que, como líderes, devemos apoiar integralmente o projeto, “vestir a camisa” desse movimento.

Opção pela humildade. Os líderes entrevistados revelam imensa disposição para continuar aprendendo, a fim de servir cada vez melhor à causa de Cristo. Eles querem somar, agregar valores morais, espirituais e sociais, tendo como alvo a transformação da comunidade em que vivem.

BENEFÍCIOS

Enfatizando nosso lema: “Pequenos grupos, grandes bênçãos”, pedi que os três líderes entrevistados enumerassem alguns benefícios que os pequenos



grupos jovens podem trazer à igreja. Foram apontados os seguintes:

Crescimento espiritual. O trabalho do pequeno grupo jovem aproxima os jovens de Deus. Isso significa crescimento da espiritualidade, porque cada jovem estreita seu relacionamento com Jesus, através do estudo temático da Bíblia. De fato, cristianismo nada mais é que uma relação íntima e profunda com Jesus. Consequentemente, há maior envolvimento nas tarefas espirituais requeridas de cada componente. Essas tarefas são elaboradas de tal modo que os jovens desenvolvem o hábito da comunhão com Deus, estudando a Bíblia e praticando a oração intercessora.

Exemplo disso é a tarefa na qual cada participante deve ter sua agenda de oração contendo nomes de pessoas pelas quais intercede durante a semana. São pessoas por cuja salvação o grupo trabalha, ou pode ser um membro do próprio grupo.

Fortalecimento fraternal. Há constante interação social e espiritual entre os jovens porque, em geral, eles parecem se sentir mais à vontade abrindo o coração para outro jovem do que para um adulto. Sua linguagem é a mesma, os interesses sociais, intelectuais e espirituais são quase os mesmos. Tal segmentação etária é a chave para o êxito do pequeno grupo jovem.

Reavivamento do senso de missão. O pequeno grupo mantém os jovens ativos na igreja. Isso se deve ao fato de que durante a semana estão constantemente envolvidos nas tarefas espirituais deles requeridas. Assim, o envolvimento com a missão se torna mais fácil, o que contribui para que tenhamos igrejas vivas e ativas na comunidade em que estão inseridas.

Um aspecto que não pode ser des-

considerado é que, dos três líderes, dois têm a sexta-feira à noite como dia oficial de reuniões. A média de duração do encontro é de uma hora e meia, sendo que 50 minutos são dedicados ao estudo das Escrituras. O formato de estudos utilizados nos pequenos grupos jovens quase sempre é adaptado do modelo dos adultos. Alguns elaboram seu próprio modelo de estudo, de acordo com os interesses e necessidades das pessoas. A frequência média é de 20 jovens, dos quais três ainda não são batizados.

Acredito que, se tivermos em nossas igrejas esses pequenos grupos jovens durante a semana e de acordo com a peculiaridade de cada grupo, certamente elas estarão repletas durante os cultos de sábado, domingo e quarta-feira.

“Não imaginem que seja possível despertar o interesse dos jovens indo à reunião missionária e pregando um longo sermão. Planejem meios pelos quais se possa despertar um vivo interesse. Cada semana, os jovens devem levar seus relatórios, contando o que têm tentado fazer pelo Salvador, e o êxito obtido. Se as reuniões missionárias fossem uma ocasião para apresentar esses relatórios, não se tornariam desinteressantes, monótonas nem enfadonhas. Seriam cheias de atrativos, e não haveria falta de assistência” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 212).

Pastoreio mútuo. No pequeno grupo jovem, o problema de um componente se torna problema de todos. A isso chamamos de empatia, amor fraternal, interesse pelo outro. Essa era a essência do *modus operandi* da igreja cristã primitiva. “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha neces-

sidade” (At 2:44, 45). Essa igreja amorosa, generosa e simpática também podia ser chamada de “a igreja do amor”, do socorro mútuo, ou a igreja em que “nenhum necessitado havia, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade” (At 4:34, 35).

Formação de novos líderes. Aos benefícios enumerados até aqui, podemos acrescentar o automático estabelecimento de uma escola prática e econômica de formação de líderes jovens. Cada jovem terá sua responsabilidade na igreja.

“Jovens de ambos os sexos, não podem vocês se organizar em grupos e, como soldados de Cristo, se alistarem na obra, pondo todo o seu tato, sua habilidade e talento no serviço do Mestre, a fim de poder salvar pessoas da ruína? Que em toda a igreja haja grupos organizados para fazer essa obra. [...] Não quererão os jovens que realmente amam a Jesus organizar-se como obreiros, não somente em favor daqueles que professam ser observadores do sábado, mas também dos que não pertencem à nossa fé?” (Ibid., p. 34).

Juntos, desafiemos cada jovem que ainda não esteja envolvido em um pequeno grupo a se envolver nesse projeto. Não temos tempo a perder. Iniciemos pelo treinamento constante de novos líderes para pequenos grupos jovens. Depois, forneçamos a eles material específico, de acordo com as necessidades e interesses peculiares. Em seguida, vamos acompanhá-los passo a passo, decisão por decisão, lição por lição. Quanto aos resultados, deixemo-los com Deus. Certamente, serão abundantes. ▲



Gentileza do autor

William Costa Júnior
 Diretor associado de
 Comunicação da Associação
 Geral da IASD

Louvor em grupo



Após uma viagem, Ellen G. White falou sobre a feliz experiência de ter cantado com um grupo de irmãos: “O irmão Lawrence, que é musicista, dirigiu o canto. Todos os passageiros no vagão pareciam deleitar-se grandemente com essa prática, e muitos deles se uniram ao canto” (*Evangelismo*, p. 503). A bênção do cântico em grupo também foi experimentada pelo povo de Deus, em sua peregrinação no passado (Ellen G. White, *Educação*, p. 167, 168).

Num pequeno grupo, o cântico deve ser constante, unindo os participantes sob uma abençoada atmosfera celestial. Foi assim no passado, e pode acontecer hoje. Ainda se referindo à viagem anteriormente mencionada, Ellen G. White escreveu: “No domingo tivemos outro serviço de canto, depois do qual o pastor Corliss fez breve palestra tomando como texto as palavras: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus.” I João 3:1. Os passageiros escutaram atentamente, parecendo gostar do que foi dito. Na segunda tivemos mais canto, e todos nós parecíamos estar mais unidos” (*Evangelismo*, p. 503).

PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Algumas pessoas apresentam dificuldades que supostamente impedem o cântico nos pequenos grupos. Observe algumas delas e como é fácil resolvê-las:

Não temos acompanhamento instrumental. Para cantar, não é preciso acompanhamento instrumental. Evidentemente, ele contribui para a boa apresentação do cântico, mas não é indispensável. Às vezes, é até mais bonito cantar sem acompanhamento.

Há uma pessoa desafinada que atrapalha. Realmente, não é fácil cantar as notas diferentes da melodia tendo ao lado alguém cantando a mesma nota durante todo o tempo. Mas, não pense em descartar o cantor desafinado; com amor e carinho, valha-se do restante do grupo para cantar corretamente perto dele. Agindo com paciência, perseverança e respeito, já testemunhei transformações maravilhosas nesse sentido.

Ninguém conhece música. Cantar em louvor a Deus não é privilégio exclusivo de músicos especializados. Sem dúvida, uma pessoa treinada pode ajudar bastante na liderança do cântico, mas tudo o que é necessário no pequeno grupo é boa disposição para louvar ao Senhor com alegria e gratidão. Momentos de louvor são oportunidades de comunhão com Deus e unidade no pequeno grupo.

Onde posso encontrar material adequado? O ideal é ter um piano ou teclado, para que haja acompanhamento ao vivo durante o louvor. Porém, caso isso não seja possível, pode-se usar os CDs e DVDs do *Hinário Adventista*, ou aqueles

produzidos pelo Ministério Jovem. Há muitos *playbacks* de solistas que também são adequados para os momentos de louvor dos pequenos grupos.

PREPARO E ENVOLVIMENTO

Finalmente, considere as seguintes sugestões adicionais:

- Faça dos momentos de louvor uma ocasião espiritual. “Deve haver uma viva ligação com Deus em oração, uma viva ligação com Deus em cânticos de louvor e ações de graças.” (Ibid., p. 498).
 - Prepare-se. Evite improvisação e desorganização.
 - Procure chamar a atenção para a mensagem da letra. Faça com que as pessoas cantem com espírito e entendimento.
 - Não cante muito rápido, mas também não deixe que o cântico fique “arastado”. Lembre-se de que as pessoas precisam respirar.
 - Procure envolver todos os participantes do pequeno grupo. O cântico deve ser inclusivo, não excludente.
 - Cante, cante, cante. Já se disse que “quem canta seus males espanta”.
- Acho maravilhosa a oração do salmista: “Cantarei ao Senhor enquanto eu viver; cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida” (Sl 104:33). Seja esse o contínuo desejo do nosso coração. Que o Senhor nos abençoe e inspire na utilização do louvor em nossos pequenos grupos. **A**



Gentileza do autor

Tânia M. Lopes
Torres

*Socióloga, esposa de
pastor na Associação
Mineira Central*

O jeito feminino de evangelizar

Desenvolvida pelo erudito norte-americano Lyman Wyne, a assim chamada Teoria Epigenética dos Relacionamentos é um modelo explicativo dos relacionamentos interpessoais. De acordo com essa teoria, todo relacionamento interpessoal saudável passa por cinco fases: apego, comunicação efetiva, resolução conjunta de problemas, mutualidade e intimidade. Tendo isso em mente, pode-se dizer que não adianta oferecer estudos bíblicos a pessoas com quem ainda não se tenha desenvolvido um relacionamento saudável. Ou seja, para sermos bem-sucedidos no cumprimento da grande comissão, precisamos desenvolver relacionamentos.

Ao ouvir sobre essa teoria, pude chegar a algumas conclusões bastante pessoais acerca das informações que recebia. Minha formação em sociologia já me havia levado a estudar o fenômeno do crescimento e decadência de movimentos religiosos. De fato, minha tese de mestrado, defendida junto à Universidade do Texas, havia versado sobre a decadência do catolicismo na América Latina.



A BASE DO CRESCIMENTO

Mesmo antes de entrar em contato com as ideias de Wyne, eu já estava convencida de que os relacionamentos formam parte essencial do crescimento dos movimentos religiosos. Eu já estava familiarizada com as pesquisas do sociólogo cristão Rodney Stark, que afirmara que a conversão a grupos religiosos ocorre quando, mantido tudo o mais, as pessoas têm ou desenvolvem relacionamentos com os membros do movimento.¹ Então, concluí que as

mulheres adventistas podem desempenhar papel relevante em criar uma atmosfera religiosa que favoreça a formação de relacionamentos.

Parece que as mulheres ainda são aquelas que, com maior facilidade, conseguem desenvolver, em seus relacionamentos, as fases propostas pela Teoria Epigenética. Isto é, parece que as mulheres têm mais facilidade para desenvolver apego, comunicação afetiva, resolução conjunta de problemas, mutualidade e intimidade. Não é por

Foto: Daniel Oliveira

acaso que, de modo geral, as igrejas adventistas ainda optam que, preferencialmente, as mulheres exerçam a função de recepcionistas. Na verdade, a atuação das mulheres no contexto religioso tem sido geralmente associada à provisão de cuidado e atenção.

De acordo com uma teoria desenvolvida por Márcia Guttentag e Paul Secord,² todas as vezes que, em uma determinada comunidade, o número de mulheres supera o número de homens, as mulheres passam a desfrutar de *status* maior ao que tinham anteriormente e, como resultado disso, passam também a desempenhar atividades anteriormente restritas aos homens. Então, é possível que, num futuro próximo, as mulheres sejam as principais responsáveis pelas conversões que ocorrerem na Igreja Adventista.

Foi precisamente isso o que aconteceu com o cristianismo primitivo. Apesar dos inesquecíveis sermões pregados por Pedro e Paulo, os historiadores e sociólogos modernos afirmam que, exceto pelas intervenções divinas na história da igreja, o fato de as mulheres excederem o número de homens no início da pregação evangélica foi um dos mais relevantes fatores para o rápido crescimento do cristianismo através de conversões primárias e secundárias.³

LIDERANÇA SERVIDORA

Segundo a opinião de Hjalmarson, citado por Roger Helland, autenticidade é uma palavra-chave da pós-modernidade: “Os pós-modernos rejeitam a autoridade em termos de posição, em favor da autoridade no relacionamento. Eles não absorvem a hierarquia e tendem a reconhecer a autoridade somente quando ela é conquistada. Não respeitam líderes que estejam ‘sobre’, mas

não estejam ‘entre’. Isso alinha com o ensinamento do Novo Testamento sobre o sacerdócio dos crentes e o ensino de Jesus no sentido de que ‘o maior entre vós seja o servo de todos’.”⁴

Uma liderança servidora e amorosa é o caminho para mover a igreja para uma ação efetiva e permanente. E a estrutura dos pequenos grupos se encaixa muito bem nessa nova realidade. Eles formam o ambiente ideal para o envolvimento das mulheres adventistas na missão da igreja, uma vez que lhes fornecem o ambiente ideal para o que se sabe que elas sabem e podem fazer melhor que ninguém: prover atenção e cuidado a outras pessoas, tanto do sexo masculino ou feminino; crianças, jovens ou adultos.

Além disso, os pequenos grupos suprem as condições ideais para que as mulheres possam exercer liderança, servindo de modelo para o tipo de líder-servo pelo qual a igreja anseia. Assim, o pequeno grupo se torna um importante ambiente no qual as mulheres podem exercer, com a maturidade e espiritualidade que lhes são peculiares, um verdadeiro ministério. Elas podem se envolver em um ministério muito mais vibrante e dinâmico do que têm feito até aqui.

ESPONTANEIDADE SALVADORA

Após fazerem minucioso estudo do evangelismo realizado de porta em porta pelos mórmons, nos Estados Unidos, Stark e Bainbridge chegaram à seguinte conclusão: “Quando os missionários fazem uma visita fria ou batem à porta de estranhos, essa abordagem produz uma conversão a cada mil visitas. Quando, em vez disso, estabelecem o primeiro contato com alguém na casa de um amigo mórmon ou de um parente dessa pessoa, tal abordagem resulta em con-

versão em 50% dos casos.”⁵ Por isso, para sermos bem-sucedidos no cumprimento da grande comissão, precisamos criar relacionamentos saudáveis com as pessoas a quem queremos alcançar para salvar.

O psicólogo e pediatra Donald Winnicott, após anos de prática clínica, chegou à conclusão de que nada é mais eficiente para a formação de relacionamentos saudáveis do que a criação de ambientes em que gestos espontâneos ocorram. Segundo ele, o gesto espontâneo é muito mais eficiente do que aqueles que ocorrem em condições formais. É a oportunidade dos gestos que garante seu efeito sobre as pessoas. Ora, que atmosfera poderia ser mais condutora a gestos espontâneos do que a intimidade de um pequeno grupo na casa de um dos membros da igreja?

Os pequenos grupos se afiguram como a melhor alternativa para fazermos frente às inseguranças e carências do ser humano que vive no século 21. Eles oferecem ambiente agradável e acolhedor no qual a pessoa pode crescer espiritual e socialmente, proporcionando-lhe, também, oportunidade para um reencontro consigo mesma, com seu semelhante e com Deus. O pequeno grupo favorece a construção de relacionamentos sadios que levam à conversão, sendo também um ambiente adequado para a igreja aplicar o talento feminino de que dispõe. 

Referências:

- ¹ Rodney Stark, *Sociology* (Belmont: Wadsworth, 1992).
- ² Márcia Guttentag e Paul Secord, *Too Many Women?* (Beverly Hills: Sage, 1983).
- ³ Rodney Stark, *O Crescimento do Cristianismo* (São Paulo; Ed. Paulinas, 2006).
- ⁴ Roger Helland, *Ministério*, mai.jun. 2006, p. 21, 23.
- ⁵ Rodney Stark; William Sims Brainbridge, *The Future of Religion* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1985).



Gentileza do autor

Miroslav Pujic
 Diretor do Centro de
 Estudos Seculares e Pós-
 modernos da Associação
 Geral da IASD

Construindo pontes

Orientações para estabelecimento de pequenos grupos direcionados a evangelizar indivíduos com mentalidade pós-moderna.

Depois de ensinar às multidões durante todo o dia, dormir um pouco num barco de pesca e ser acordado no meio da noite para acalmar uma furiosa tempestade, Jesus, finalmente, alcançou a região de Decápolis, onde encontrou um homem cuja mente e alma estavam dominadas pelo poder das trevas. O único desejo daquele homem era alcançar a liberdade, justamente o que não tinha, até se encontrar com Jesus.

O encontro à beira-mar durou apenas alguns minutos, mas no momento em que Jesus lhe devolveu a vida digna e liberdade que desejava, ele foi transformado para sempre. Jesus não lhe pediu nada em retribuição, mas o homem insistiu em querer segui-Lo. Em vez disso, o Mestre lhe ordenou que voltasse ao lar e testemunhasse aos familiares e amigos a respeito da razão

de sua cura e paz então experimentada. Jesus Cristo era seguido por multidões, mas o que Ele necessitava era alguém que contasse Sua história com credibilidade. E Ele sabia que, naquele homem, encontrara essa pessoa, cujo nome ficou perdido no tempo. A história está relatada em Marcos 5:1-20.



Fot. Jupitermagalu/Shutterstock

COMUNIDADE

Acaso, isso lhe soa familiar? Nossa igreja está cheia de indivíduos sinceros e valiosos, que são bons ouvintes, gostam de fazer perguntas, mas não sabem como contar a história de Jesus às pessoas com as quais partilham a vida. Porém, Cristo necessita de narradores de Sua história, que estejam ligados ao coração de amigos e familiares, que possam falar sobre o que Ele tem feito na vida deles. Cristo necessita de pessoas ligadas à comunidade em que vivem.

Em nossos dias, comunidade pode ser conceituada de muitas formas. Há comunidades virtuais, grupos de vizinhos, colegas de trabalho, e outras. Cada um de nós participa de pelo menos um desses tipos de comunidade. Na sociedade moderna, as pessoas desejam participar de algum tipo de comunidade. E, embora possamos servir a Jesus de muitas formas, longe ou perto, o modo mais fácil e efetivo de servir é participar ativamente em nossa comunidade, contando às pessoas o que Ele tem feito por nós.

DISCIPULADO

Pequenos grupos direcionados a indivíduos pós-modernos é o método para estabelecimento de comunidade no contexto do ministério de Cristo e está fundamentado em três princípios: amizade, processo e nutrição. Ou seja, devemos fazer amizade com outras pessoas, desfrutar o processo de nos conhecermos uns aos outros e a Deus, e nutrir espiritualmente nossos amigos de modo a gerar outras ligações em comunidades. A verdade é que cada crente deve se tornar a encarnação do ministério: viver e respirar o ministério em seu dia a dia (Jo 1:14).

Amizade. Existem cinco princípios de ligação que devem ser implementados corretamente na vida real. *Tempo* é a primeira das cinco chaves para a amizade. A maioria das pessoas gosta de *conversar*. Porém, todos necessitam ser ouvidos. Ouvir e falar são mecanismos que nos ligam de modo dinâmico a outras pessoas. E que melhor ocasião existe para conversar que o momento em

que desfrutamos uma *refeição*? Jesus comia com as pessoas, porque Ele sabia que isso satisfaz o corpo e a mente. A *simpatia* inclui muitas ações e emoções. Para ser simpáticos, nós nos importamos com as pessoas, as amamos e sentimos prazer estando com elas em nosso círculo. A simpatia busca meios de *satisfazer necessidades* dessas pessoas.

Processo. Ou seja, satisfazer necessidades espirituais (Ep 1:6). Uma vez que seus amigos sabem que são importantes para você, e que você está disposto a ouvir suas histórias, também eles estarão prontos para ouvir o que você tem a lhes falar. Certamente, também lhe falarão sobre o desejo que têm de satisfação espiritual.

Em nossos dias, o evangelismo é um processo de construção de relacionamentos com Deus e Sua igreja. Indivíduos com mentalidade pós-moderna não vêm para a igreja, e nela permanecem, apenas com base na experiência de um evento passageiro. Precisamos estabelecer meios pelos quais eles desenvolvam a experiência de estudar a Bíblia, orar e aplicar os ensinamentos bíblicos à vida real. Escreveu Ellen G.



White: “Reunimo-nos para mutuamente nos edificarmos com o intercâmbio de ideias e sentimentos; para adquirirmos poder, luz e ânimo ao nos familiarizarmos com as esperanças e desejos uns dos outros.”¹

Nutrição envolve apoio e encorajamento constantes (Mc 4:33). O batismo não é o fim da estrada, seja para conquista e solidificação da amizade, seja para aprender sobre Deus. É justamente o início do caminho. O trabalho de nutrição espiritual e encorajamento é desenvolvido em várias formas: uma refeição partilhada, diálogo informal a respeito da vida e espiritualidade, grupos de atividades para estudo da Bíblia ou prestação de serviços comunitários.

FORMAÇÃO DO GRUPO

Um pequeno grupo é uma comunidade designada para levar pessoas a Jesus Cristo. É um ambiente em que indivíduos podem se sentir livres para ser eles mesmos e onde podem se relacionar de modo íntimo e real com pessoas que partilham de uma experiência espiritual comum. É um lugar em que perguntas podem ser respondidas, onde também podem se divertir e desfrutar a vida juntos.

Como podemos estabelecer um pequeno grupo direcionado a alcançar pós-modernos? Inicialmente, devemos encontrar uma ou duas pessoas que partilhem dessa visão e planejar o trabalho com elas. Comece com amigos pós-modernos já estabelecidos e, a partir daí, tome a iniciativa de fazer novos amigos e convidá-los para o grupo. “Os membros devem ser divididos em pequenos grupos, a fim de trabalhar não somente pelos outros membros, mas também pelos descrentes”.² Aqui,

a chave do sucesso é a habilidade para fazer amigos e ter material adequado para atender o grupo.

As reuniões podem ser feitas de muitas maneiras: durante os fins de semana, para estudar a Bíblia e aplicá-la ao dia a dia, em um só lugar ou em lugares diferentes. Os encontros devem ser bem informais. Nesse ambiente, introduza o assunto do dia, utilizando uma história ou vídeo do livro-texto ou manual de estudos. A discussão será natural, especialmente se todos leram o tópico anteriormente designado. Para estimular a discussão, é sábio ter perguntas previamente elaboradas.

Termine a reunião orando em grupos de duas ou três pessoas, ou apenas uma pessoa orando, ou ainda qualquer outra atividade que leve os participantes para mais perto de Deus. Seja como for, escolha algo que seja agradável ao grupo.

SUGESTÕES

Aqui está um esboço do que pode ser feito durante as reuniões do grupo:

- Conversa informal sobre algum acontecimento atual importante.
- Pode-se tomar um suco ou comer alguma iguaria leve.
- Oração sobre alguma inquietação apresentada.
- Introdução do assunto para discussão (história ou apresentação do DVD).
- Discussão do tópico indicado no livro-texto ou manual.
- Oração final.

Esse tipo de pequeno grupo está fundamentado em dez princípios:

Afirmção. Valorize e aprecie cada pessoa pelo que ela é.

Compromisso. Você faz parte, é importante, é necessário para o grupo.

Honestidade. Fale a verdade com o amor, a voz e o coração de Jesus.

Abertura. Permita que cada um fale sem ser criticado.

Confidencialidade. O que for dito no grupo permanece no grupo. Esse é um lugar seguro para ser aberto e honesto.

Responsabilidade. Engano e fraude são inimigos mortais. Devemos nos manter leais e verdadeiros.

Sensibilidade. Ter mente aberta e boa vontade para compreender a experiência do outro.

Relevância. Vivemos em um mundo que está sempre em mudanças. Não podemos perder o toque das necessidades mutantes.

Informalidade. Esta é uma comunidade em que podemos caminhar juntos como somos e nos alegrar na companhia um do outro.

Crescimento. Não se feche. Faça amigos, amplie sua comunidade!

Alcançar indivíduos pós-modernos requer um processo que começa com interação afetuosa e significativa, com o objetivo de estabelecer relacionamentos. É um modo de vida, de se ligar àqueles que nos rodeiam, mostrando que nos importamos com eles. O processo não termina com o batismo. Nutrição e encorajamento são indefinidamente contínuos, através de profundo relacionamento espiritual na comunidade. Embora seja longo, é o processo mais recompensador para o cristão. Afinal, “a grande obra do evangelho não deverá ser encerrada com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início”.³ **A**

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 2, p. 578.

² *Ibid.*

³ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 611.

ELEF - ENCONTRO DE LOUVOR EM FAMÍLIA

NA PRESENÇA DE DEUS

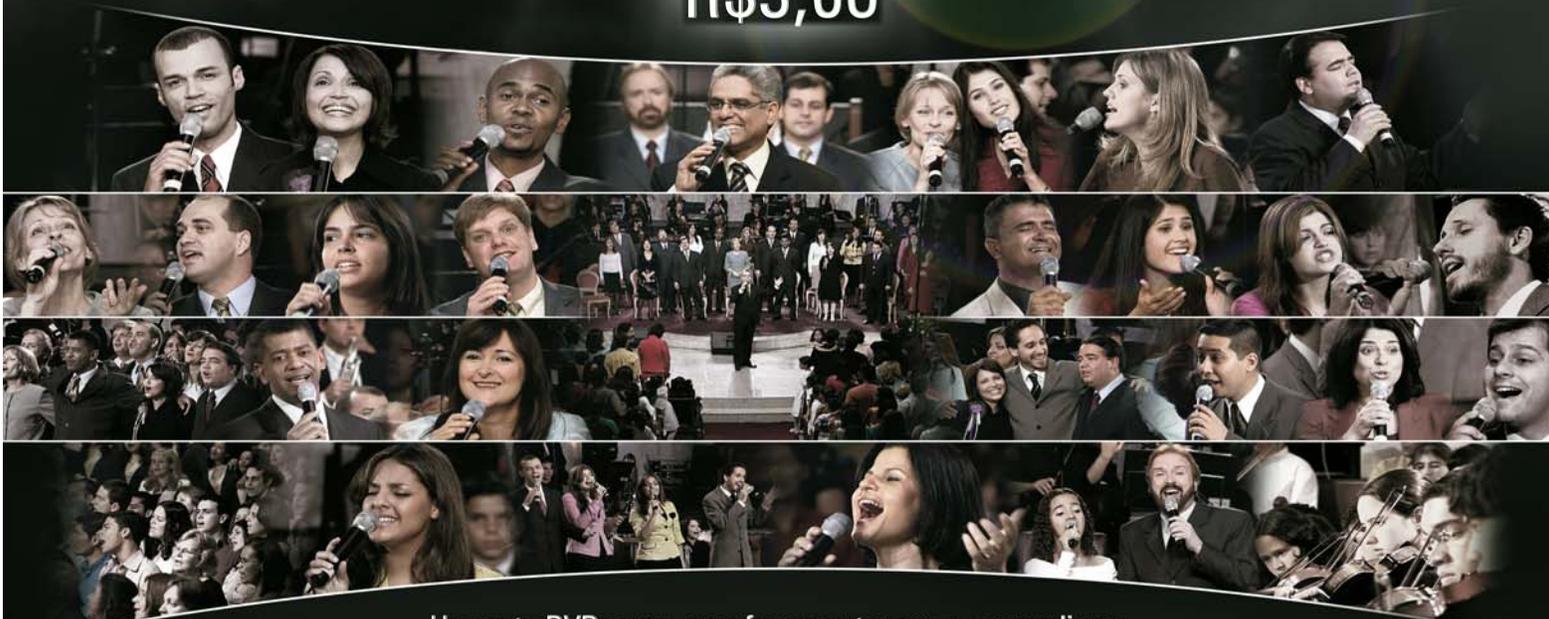
UM CULTO DE LOUVOR E ADORAÇÃO DIRIGIDO POR WILLIAMS COSTA JR.
COM 27 SOLISTAS, CORAIS, ORQUESTRA E CONGREGAÇÃO

A partir de 8 de agosto de 2009, 90% de desconto durante 90 dias.

Preço especial para projetos missionários

De R\$36,00 por

R\$3,60



Use este DVD como uma ferramenta para o evangelismo.

Mais informações, procure no YouTube: ELEF - Encontro de Louvor em Família

Pedidos na sua Igreja local, lojas da Casa ou pelo site: www.elef.org.br

Lançamento nacional no Canal Executivo, dia 7 de agosto, às 19h e na Rádio e TV Novo Tempo, dia 8 de agosto, às 13h

PROGRAMA DA IGREJA

Julho

11-18 – Semana de Oração Jovem

Está chegando a hora da semana mais esperada do ano: A Semana de Oração Jovem.

O tema Brilha em mim será desenvolvido com experiências e histórias da Bíblia e dos tempos da Era das Trevas. Você mergulhará no tempo e renovará sua fé no Deus do impossível ao saber como foram fiéis e perseverantes os primeiros cristãos.

Além dos sermões, cada igreja desenvolverá 4 desafios para transformar os “jovens cometas” em “estrelas brilhantes” de Jesus.

Chegou a sua vez de brilhar!

25 - Dia do Colportor

Distribuir livros é uma atividade muito importante no cumprimento da missão que Deus nos deu. Ele chama muitos para dedicarem-se de todo coração à Colportagem Evangelística.

Os que se dedicam espontaneamente a esta atividade desfrutam dos milagres que a comunhão e a dependência de Deus produzem. No dia 25 de julho a Igreja homenageia estes heróis “chamados por Deus” que evangelizam diariamente disseminando livros e revistas que apresentam a mensagem da Salvação em Cristo.



Agosto

1 – Dia da ADRA

Um dos princípios e valores da ADRA diz: “Através de ações humanitárias tornamos conhecido o caráter justo, misericordioso e amoroso de Deus.” Cada ano, milhares de famílias são beneficiadas pelos projetos desenvolvidos pela ADRA. Você pode apoiar o ministério da ADRA através de suas orações e participação em seus projetos. Assista, participe e leve seus amigos.



25 - Campanha Quebrando o Silêncio Dia da prevenção contra o abuso

Ninguém pode ficar parado diante da violência que existe em nosso país. Esta é uma oportunidade para que você e sua família defendam e promovam a paz no que se refere à violência doméstica. Que este programa possa resultar no desenvolvimento de uma vida mais justa, equilibrada e feliz em nossa sociedade.



29 - Dia da Educação

O nosso grande desafio: que 100% das crianças e jovens adventistas estudem em nossas escolas e colégios.



Setembro

19 – Batismo da Primavera

Brilhe por Jesus!

Vem aí o batismo da primavera.



Outubro

Futuro com Esperança – Pr. Mark Finley

O fechamento de toda esta movimentação será através de uma grande campanha evangelística via satélite que será realizada no mês de outubro, em português e no mês de novembro, em espanhol.

